

CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

GEOVANNA DUARTE GUIZZARDI

**E A ROSA DESPEDAÇADA: A PERSISTÊNCIA DE MULHERES JOVENS EM
NAMOROS ABUSIVOS.**

VITÓRIA
2016

GEOVANNA DUARTE GUIZZARDI

**E A ROSA DESPEDAÇADA: A PERSISTÊNCIA DE MULHERES JOVENS EM
NAMOROS ABUSIVOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Msc. Darlene Gaudio

VITÓRIA

2016

GEOVANNA DUARTE GUIZZARDI

**E A ROSA DESPEDAÇADA: A PERSISTÊNCIA DE MULHERES JOVENS EM
NAMOROS ABUSIVOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. Msc. Darlene Vianna Gaudio Angelo Tronquoy - Orientadora

Prof. _____, Instituição

Prof. _____, Instituição

Dedico este trabalho às mulheres que tiveram suas vidas tiradas, por parceiros que amavam.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que de alguma forma, sem explicação, tem me guiado e me capacitado a vencer os desafios aos quais me coloco.

À minha família, por todo apoio, amor, e por sempre acreditar em minha capacidade.

Ao Victor, pela paciência e pelo carinho.

Às minhas amigas, Ana Paula, Isabela e Victória, que compartilharam comigo angústias e alegrias, ao longo do curso.

À Darlene, minha orientadora, uma excelente professora, de um conhecimento invejável.

Aos demais professores que me acompanharam ao longo desse processo.

À todas as mulheres, pois me serviram de inspiração.

“A exigência de ser amado é a maior das pretensões”

FRIEDRICH NIETZCHE

RESUMO

A persistência de mulheres jovens em namoros abusivos é algo preocupante no que tange ao cenário social, haja vista a quantidade de casos em que essas sofrem violências e ainda assim não se desvencilham de seus parceiros. Em muitos casos, a saída é através da morte, que o próprio parceiro que amam, comete contra elas. Com o intuito de dar visibilidade a estas mulheres, no que tange ao que do inconsciente destas, pode determinar a persistência em namoros abusivos que se embasou este trabalho. E para isto, realizou-se um estudo de caso de duas participantes que vivenciaram namoros abusivos. Escolheu-se por acessibilidade, uma participante de 23 anos e outra de 29 anos, e com estas fez-se uma entrevista semiestruturada, com temas acerca da concepção delas sobre o que é um relacionamento abusivo, bem como questões do relacionamento vivenciado, relacionamentos interpessoais e suas dinâmicas e a necessidade afetiva do outro. A pesquisa, de ordem qualitativa e descritiva, analisou as falas das participantes tendo como viés a Psicanálise, bem como através da análise do discurso, já que através da fala, desvela-se o inconsciente. Analisou-se, correlacionando a temas expostos por Freud e Lacan, bem como outros autores que tiveram como base os dois citados anteriormente. Temas como: o inconsciente, o Complexo de Édipo, o masoquismo, as pulsões, o narcisismo, a melancolia, o laço amoroso, o lugar do desejo, o feminino, o laço social e a falta de objeto, permearam as discussões expostas na pesquisa, bem como a análise dos dados. Constatou-se pois, que o inconsciente influencia e determina a persistência de mulheres jovens em namoros abusivos. E é necessário que se demonstre o lugar dessas mulheres como agente ativo dentro da relação, para que estas se questionem e possam agir frente às suas necessidades, não sendo apenas vítimas de um parceiro agressivo.

Palavras-chave: Namoro abusivo. Persistência. Mulheres. Psicanálise.

ABSTRACT

The persistence of young women in abusive dating relationships is something disturbing in relation to today's social scenario, given the number of cases in which they suffer violence and yet not segregate from their partners. In many cases, the end of the relationship comes through death, committed by their loving partners. This work was written in order to give visibility to these women, in relation to the unconscious, these may determine the persistence in abusive dating relationships. And for this, there was a case study of two participants, who experienced abusive dating relationships.

Because of the accessibility, a participant of 23 years and another one of 29 years, were chosen to make a semi-structured interview, with themes about the concept of what an abusive relationship is, as well as the issues of experienced relationships, interpersonal relationships, their dynamics and the emotional needs of others. The research, in qualitative and descriptive order, were analyzed by the speeches of the participants using as a bias the Psychoanalysis and discourse analysis, since by speech, the unconscious is revealed. Was analyzed, the correlating issues exposed by Freud and Lacan and other authors that were based on the two mentioned above. Topics such as: the unconscious, the Oedipus complex, masochism, the drives, narcissism, melancholy, loving bond, the place of desire, the feminine, the social bond and the lack of object, permeated exposed discussions on the research as well as the analysis of data. It was found therefore, that the unconscious influences and determines the persistence of young women in abusive dating relationships. And it is necessary to show the place of these women as an active agent within the relationship, so that they might question and can act upon their needs, not only being victims of an aggressive partner.

Keywords: Abusive Dating. Persistence. Women. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 17 |
| 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 23 |
| 2.1 MULHER E HISTÓRIA | 23 |
| 2.2 FEMINISMO..... | 27 |
| 2.3 MULHER E PERSISTÊNCIA EM RELACIONAMENTO ABUSIVO..... | 30 |
| 2.4 LEIS QUE ASSEGURAM ESSAS MULHERES..... | 31 |
| 2.5 IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DAS MULHERES VITIMADAS..... | 33 |
| 2.6 CASO PÚBLICO DE VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTO AFETIVO..... | 34 |
| 2.7 MULHERES QUE AMAM DEMAIS..... | 35 |
| 2.8 MULHER QUE PERSISTE X VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DA INFÂNCIA..... | 36 |
| 2.9 PSICANÁLISE E A PERSISTÊNCIA..... | 37 |
| 2.9.1 O Inconsciente | 37 |
| 2.9.2 O Complexo de Édipo | 38 |
| 2.9.3 Psicanálise e Violência contra a mulher | 40 |
| 2.9.4 Quatro escolhas de objeto feita pelos homens | 44 |
| 2.9.5 O laço amoroso | 45 |
| 2.9.6 O amor e o feminino | 48 |
| 2.9.7 O lugar do desejo | 50 |
| 2.9.8 Três formas da falta de objeto | 53 |
| 2.9.9 Melancolia e Narcisismo | 55 |
| 2.9.10 Pulsões | 58 |
| 2.9.11 Os quatro discursos e o laço social | 59 |
| 3 METODOLOGIA | 63 |
| 3.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA..... | 63 |
| 3.2 PARTICIPANTES..... | 63 |
| 3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA..... | 64 |
| 3.4 PROCEDIMENTOS..... | 64 |
| 3.5 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE..... | 64 |
| 3.6 ASPECTOS ÉTICOS..... | 65 |

| | |
|--|------------|
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 67 |
| 4.1 CASOS | 67 |
| 4.2 CONCEPÇÃO ACERCA DO QUE É UM RELACIONAMENTO ABUSIVO | 73 |
| 4.3 FALAS COINCIDENTES ENTRE AS PARTICIPANTES | 74 |
| 4.4 NECESSIDADE AFETIVA DO OUTRO | 75 |
| 4.5 RELAÇÕES INTERPESSOAIS | 76 |
| 4.6 O INCONSCIENTE E A PERSISTÊNCIA | 77 |
| | |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 87 |
| | |
| APÊNDICE A – Comentários “Não tire o batom vermelho” | 93 |
| APÊNDICE B – Twetts “ele pode não te bater” | 95 |
| APÊNDICE C – Entrevista Semiestruturada | 97 |
| APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 99 |
| APÊNDICE E – Reportagens de violência praticadas por namorados contra namoradas (jovens) | 103 |
| APÊNDICE F – Os quatro tipos de discurso | 107 |

1 INTRODUÇÃO

O cravo brigou com a rosa
 Debaixo de uma sacada
 O cravo saiu ferido
 E a rosa despedaçada

 O cravo ficou doente
 E a rosa foi visitar
 O cravo teve um desmaio
 E a rosa pôs-se a chorar

 A rosa fez serenata
 O cravo foi espiar
 E as flores fizeram festa
 Porque eles vão se casar (CANTIGA POPULAR)

Na cantiga popular citada acima, ainda que não seja possível afirmar quem ocupe o papel da mulher ou do homem, nota-se que há uma persistência em um relacionamento, que de certa forma, é conturbado e um tanto quanto doloroso, porém apesar do custo que traz, o mesmo, perdura. Freud, em sua obra “Mal-estar na Civilização” diz que os relacionamentos seriam uma das instâncias que causariam sofrimento ao ser humano.

O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem (FREUD [1927-1931], 1996, p. 50).

Entretanto, por mais que seja intrínseco às relações, há de se questionar o que realmente acontece em um relacionamento o qual têm o sofrimento como algo além do concebível, e ainda assim é difícil pôr um fim. Este trabalho visou compreender a posição da mulher jovem, frente a este tipo de relacionamento.

Relacionamento abusivo. Este é o termo atual utilizado para designar um relacionamento afetivo amoroso em que há quaisquer abusos, sejam eles psicológicos ou emocionais, físicos, sexuais ou econômicos. Tais abusos podem ocorrer de forma concomitante ou separadamente, ainda que todos possam acarretar consequências psicológicas (MARQUES, 2005).

O abuso psicológico ou emocional muitas vezes pode ferir mais que o abuso físico, por suas consequências afetarem, inclusive, a autoimagem e percepção do sujeito. Envolve atos verbais ou não verbais que humilham, depreciam, rejeitam, desrespeitam ou punem. Geralmente deixam as vítimas com medo e ansiedade, muitas vezes ocasionando em um quadro de depressão, que pode servir como fuga

para enfrentar a realidade. Tal abuso pode ser realizado de várias formas, dentre as quais estão o uso de palavras de baixo calão ou que firam a integridade, bem como a imposição – por parte do violador - de um isolamento social, lavagem cerebral e destruição da autonomia (MARQUES, 2005).

Já o abuso físico é determinado pela agressão física, que é o uso de força que visa ferir o outro, deixando marcas visíveis ou não. Socos, tapas, empurrões, puxões de cabelo, o ato de sufocar, que são provocadas com o próprio corpo do violador bem como quando este utiliza de outros meios como facas, armas ou quaisquer objetos que firam, se enquadram neste tipo de abuso (MARQUES, 2005).

Há também o abuso sexual que se constitui quando ocorre qualquer atitude de cunho sexual em que haja a falta de consentimento. Envolve desde estupro, controle sexual e reprodutivo por parte do abusador, e quaisquer atitudes que deixem a vítima constrangida com relação ao ato, causando-lhe degradação emocional, física e sexual (MARQUES, 2005)

E, por fim o abuso econômico, que pode ser configurado como uma subcategoria do abuso emocional/psicológico, e que se define por ser um ato do violador em subjugar a vítima a sentir-se dependente financeiramente dele para satisfazer desde suas necessidades básicas até as seculares, no intuito de mantê-la ainda mais sob seus domínios. Abusos estes, que são violências (MARQUES, 2005).

O relacionamento abusivo é um tema presente em nossa sociedade e têm levado à discussões desde teóricas até às de vias de comunicação que não necessitam de arcabouços tão concretos, como por exemplo, a internet. No *youtube*, um vídeo se tornou viral por discorrer acerca do tema, o “*Não tira o batom vermelho*”, do canal *Jout Jout*, abordou os fatores presentes no relacionamento que o tornaria abusivo. Os comentários feitos sobre o vídeo mostraram quantas pessoas se identificaram com o mesmo e quantas vivenciavam essas situações em seus relacionamentos, todavia não tinham a consciência disto (APÊNDICE A). Situações em que o parceiro (a) humilhasse ou denegrísse por conta de roupas, tivesse ciúmes exagerados, tentasse controlar a qualquer custo, e até mesmo em que forçasse a fazer certas coisas que não houvesse vontade e consentimento.

No mês de maio de dois mil e dezesseis, foi lançada uma campanha no *Twitter*, utilizando a ferramenta hashtag¹. Tal discussão utilizou a *hashtag* *#maybehedoesn'thityou* (*#elepodenãotebater*). E teve como objetivo expor abusos supostos por homens às mulheres nos relacionamentos que não necessariamente envolvessem abusos físicos, mas que seriam tão graves quanto (APÊNDICE B). Houve grande repercussão, chegando também ao Brasil, tendo sido esta ideia, disseminada por várias usuárias da rede social (APÊNDICE B).

Esta pesquisa abordou esta temática analisando a persistência das mulheres jovens em namoros heterossexuais abusivos. Diariamente mulheres são acometidas por abusos dentro de seus relacionamentos afetivos, e em muitos desses casos não conseguem se desvencilhar dos parceiros. A escolha por jovens, como amostra desta pesquisa, deveu-se ao fato de que há uma grande incidência de casos em que as mesmas são submetidas aos abusos citados acima em seus relacionamentos amorosos. A maior incidência de homicídio de mulheres encontra-se na faixa etária de dezoito e trinta anos, e em muitos desses casos, o ato é cometido por parceiros ou ex-parceiros afetivos (WAISELFISZ, 2015). Anteriormente à violência letal, as vítimas, na maioria dos casos, foram submetidas diversas vezes à violência não letal, em que incluem-se os abusos já percorridos (WAISELFISZ, 2015).

Já a escolha por relacionamentos heterossexuais condiz com o fato de que ao longo de toda a história, houve a construção de uma supremacia masculina, que só começou a ser questionada após os ideais feministas serem postos à sociedade e as mulheres terem se colocado contra a realidade em que estavam inseridas. Tal supremacia, influenciada pelo patriarcado, colocou no imaginário social a ideia errônea de que a mulher deveria ser dominada e contida e para isto, não importava qual o meio utilizado, muitas vezes sendo este a violência (ARAUJO, 2008).

E por fim, a escolha pelo namoro foi em virtude de o mesmo possuir menos seriedade em relação a um casamento e, portanto, envolver menos questões sociais e econômicas que reforçariam uma persistência ainda maior. Além disso, muitas das jovens que persistem em relacionamentos abusivos geralmente estes são namoros (MARQUES, 2005).

¹ Representada pelo símbolo cerquilha, e visa propor discussões através de palavras-chave. Fonte: Wikipédia.

Há uma gama de fatores que podem contribuir para a persistência em namoros abusivos, desde sociais, individuais e culturais. Visou-se compreender este fenômeno tendo como referência a lógica do inconsciente, para contribuir enquanto pesquisa, aos profissionais que atuam com mulheres em situação de vulnerabilidade em seus relacionamentos, para que estes possam considerar o mesmo como um dos fatores contribuintes. Ou seja, ao compreender melhor as mulheres que persistem em namoros abusivos, com os resultados adquiridos, viabilizar uma ótica a ser considerada pelos profissionais para contribuir no desenvolvimento de seu trabalho como também influenciar os mesmos a estudarem acerca desta questão devido ao seu grau de importância, o que constitui a relevância científica desta pesquisa.

Todavia, a relevância social da mesma se configurou a partir do pressuposto de que a violência - em suas variadas formas - contra as mulheres, permeia a nossa sociedade de forma alarmante. Deste modo, estudar e contribuir para a compreensão delas e como ajudá-las é fundamental para a construção de uma realidade melhor. Profissionais que estejam mais bem preparados para lidar com este tipo de situação podem, possivelmente, auxiliar, juntamente com as demais políticas públicas, para a diminuição da incidência de casos em que mulheres se sujeitem a tolerar abusos.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar o que há de inconsciente que determina a persistência das mulheres jovens em namoros abusivos. E para isto verificou-se como elas definiam um namoro como abusivo, também se averiguou a relação da necessidade afetiva do outro com a persistência das mulheres jovens em namoros abusivos e visou-se compreender a relação da persistência com os primeiros relacionamentos interpessoais e como era a dinâmica destes.

Rosas despedaçadas, fragmentadas, murchas e desbotadas. É necessário que se estude e que se fale sobre essas mulheres, pois devem ser veladas frente à violência que lhes é causada. Não se pode calar frente a esta realidade tão lamentável. Mas é preciso, igualmente, que se compreenda a razão pela qual persistem em suas posições vitimadas. É de grande importância, por isso, que se tenha clareza sobre até que ponto as políticas e intervenções das quais se lança mão hoje, não cristalizam, no social, essa posição, ao colocarem estas mulheres, apenas como agentes passivos dentro da relação. Considerando que a violência direcionada à mulher, seja um fenômeno complexo, não podendo ser observado de uma forma reduzida e com uma única causalidade, como por exemplo, a dominação de gênero, e que muitas vezes é

a forma como as políticas e intervenções veem a questão. Obviamente em situações de violência existe a vítima e o agressor, entretanto, as mesmas se diferem no que tange à forma, frequência, contexto em que se sucede, bem como os significados e impactos que causam, não podendo ser reduzidas à um fenômeno estático e único (NOTHAFT, 2015).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 MULHER E HISTÓRIA

Desde o início da história da humanidade pôde-se perceber a necessidade de categorização do que é inerente ao homem e à mulher, bem como o desenrolar de seus papéis sociais, e inclusive a dominação de um sexo ao outro. Na pré-história, as funções da mulher estavam restritas a atividades que visassem o cuidado de algo ou alguém, enquanto que o homem era quem saía em busca do alimento. Era muitas vezes arrastada com violência para que realizasse suas atividades (REIS et al., 2004).

Na Grécia Antiga, as mulheres não poderiam se sujeitar às paixões, estas, sendo designadas apenas aos homens, que poderiam ter inclusive paixões homossexuais. As funções sociais também bastante cristalizadas, homem fazendo seu devido papel de homem e mulher fazendo seu devido papel de mulher. Sendo isso reforçado quando os romanos conquistaram a Grécia, tornando as mulheres como servas e as fazendo ser de total poder do homem (MARQUES, 2005). No Egito Antigo, as mulheres que detinham o poder, porém este foi tomado pelos homens posteriormente, e ainda que as mulheres tivessem seus direitos, não poderiam ser vistas como iguais. As mulheres eram vistas como propriedade paterna, e ao se casarem passariam a ser propriedade do marido (TELES, 1999).

Na idade média, a mulher conseguiu certo espaço, devido aos seus maridos irem à guerra, porém logo o cristianismo tornou vigente o ideal patriarcal e voltou a perdurar a ideia de que a mulher fosse inferior, sendo vista como fonte de pecado, podendo o homem espancá-la desde que fosse com uma vara mais fina que seu polegar. Os papéis desempenhados na sociedade eram restritos aos homens em grande parte das funções, e ao mesmo era cabido ir às guerras bem como o sustento do lar e coordenação da agricultura e pecuária. O adultério feminino era cruelmente punido, enquanto que os homens tinham, inclusive, vários filhos bastardos fora de seu compromisso matricial (MARQUES, 2005).

No período das Grandes Navegações, em que muitos países foram colonizados, os colonizadores incentivavam que houvesse espancamento de mulheres, caso as mesmas fossem pegas com atitudes inaceitáveis, e em relação à posição em sociedade, ainda era o homem quem detinha o poder (MARQUES, 2005).

Dando um enfoque ao Brasil, visto que a amostra desta pesquisa se restringiu às mulheres brasileiras, acompanhando o processo já dito acima, durante o período colonial já se podia notar a violência cometida contra as mulheres, totalmente reforçada pelo patriarcado – o homem como centro do lar e das decisões - vigente com abrangência, o que tornava os maridos extremamente dominadores, insensíveis e egoístas quanto às suas mulheres, sendo a estas, dado o dever de fidelidade e submissão, muitas vezes sendo utilizadas como máquinas de se fazer filhos, não havendo o mínimo de afeto na relação sexual. Havia além da violência física, a violência de abandono, desprezo e malquer para com essas mulheres (PIOSIADLO et al., 2014). A mulher deveria negar a existência de sua sexualidade, portanto deveria prezar pela castidade para se encaixar nos moldes de mulher honrada, para ser aceita pelo homem e pela sociedade em geral. Porém, assim como havia mulheres que pertenciam a classe das honradas, também existiam as desonradas, compostas pelas escravas – índias e negras-, mulheres que demorassem a casar ou que “vendessem” o corpo. Com estas os homens poderiam se relacionar sexualmente sem qualquer compromisso, as mesmas não poderiam recorrer às leis frente estes abusos sexuais. Além disso, o adultério era apenas considerado caso fosse praticado pela mulher (REIS et al., 2004).

Ao mesmo tempo em que o período colonial trouxe para as mulheres um enorme sofrimento frente às demandas e exigências sociais, foi importante para que estas se posicionassem e não se conformassem com a dita posição honrada predeterminada (REIS et al., 2004).

Vale ressaltar que havia, nesta época colonial, uma condição que já havia se estabelecido às mulheres europeias. Estas, já podiam trabalhar fora de casa, algo que as diferenciava das mulheres brasileiras, que deveriam zelar pela casa, por seu marido e filhos (REIS et al., 2004).

Influenciada por movimentos que permearam a Europa, como a Revolução Francesa, bem como a instauração da democracia em alguns países, a busca por direitos começou a ser efetivada, até que visou-se que houvesse a participação feminina, por exemplo, no voto. Além disso, a Revolução Industrial trouxe consequências frente à participação social da mulher, esta, sendo uma mão de obra visada das fábricas devido ao baixo custo de mantê-la. Em meados a estes acontecimentos surge também o movimento feminista, que será abordado em breve (REIS et al., 2004).

Com isto, durante o período imperial do Brasil, às mulheres já eram atribuídos os preceitos de igualdade, porém a cidadania não era exercida, em virtude de serem vistas como indivíduos sem razão devido a sensibilidade e por ser o sexo que representava os sentimentos. As famílias envolvidas com o ramo político que possuíssem em sua formação mulheres mal faladas socialmente, eram excluídas do mesmo. Nesta época, a mulher era vista como uma incógnita, e consoante a isto deveria estar sob normas rígidas que visassem sua normalização (REIS et al., 2004).

Também neste período, as mulheres da elite, deveriam se casar devido aos interesses políticos e econômicos por parte das famílias envolvidas, e deveriam – assim como já dito anteriormente – dedicar-se ao marido e aos filhos, zelando inclusive pela castidade de suas filhas. Caso se desvinculasse minimamente disto, era tratada sob dominação e autoridade de seu esposo, pois para ser valiosa, deveria prezar por esses requisitos de castidade. Todavia as mulheres de classe baixa, como não havia esse jogo político e econômico, poderiam se relacionar de forma mais livre com os parceiros de sua classe social. Estas questões que perpassavam a mulher da elite correspondiam para além da questão política, mas também a moral e religiosa. E a mulher que se rebelasse de forma mais acentuada frente a estes parâmetros, era vista como louca (REIS et al., 2004).

Perto da Proclamação da República Brasileira, por volta no final do século XIX, aconteceram grandes mudanças em toda a gama social, dentre uma destas encontra-se a medicalização da loucura, que a denotou como forma de doença mental, algo que com a instauração da psiquiatria, deu vazão a discutir sobre a sexualidade feminina, devido ao fato de que no período menstrual a mulher passava por um momento de histeria e poderia ficar infiel. Porém com a generalização que a loucura foi colocada nos primeiros momentos, ao considerar tudo o que fugia da norma como louco, muitas das mulheres que não pertenciam ao padrão já dito, eram enclausuradas dentro dos manicômios da época. Ambas as ditas "doenças mentais" pertencentes às mulheres advinham de sua menstruação ou possuíam relação com seu aparato genital, e que muitas vezes lhes eram causadas torturas como introduzir gelo em sua vagina, extirpar o clitóris e outros métodos de tortura (REIS et al., 2004).

Nesta época também, surgiu uma preocupação quanto à educação. E era possível notar a desigualdade entre meninos e meninas, primeiramente por que havia mais vagas para os rapazes, e segundo por que ambos aprendiam a escrever, contar, ler e

sobre a doutrina cristã, porém, aos meninos estava restrito os ensinamentos de geometria e às meninas bordado e costura (REIS et al., 2004).

Após a Proclamação da República, os papéis que demarcavam a feminilidade, como cuidar da casa, ser boa mãe e esposa, ainda eram vigentes. Mulheres que não fossem vistas como boas nas tarefas domésticas eram consideradas apenas como fardo para seus maridos. Além disso, deveriam compreender seus maridos e mostrar-se sempre satisfeitas com tudo e todos (REIS et al., 2004).

Foi a partir do século XX, que o imaginário social acerca das mulheres começou a ter mudanças significativas, influenciado pelos ideais feministas. Sob influência da urbanização, o comportamento das mulheres também fora alterado em muitos aspectos devido a esta saída do meio rural e contato com o urbano (PIOSIADLO et al., 2014). Tais ideais feministas chegaram ao Brasil após a onda de movimentos que aconteceram na Inglaterra, em que mulheres realizaram vários protestos contra às situações que eram submetidas em seus trabalhos bem como o objetivo de ter direito ao voto (REIS et al., 2004).

Ao longo de toda a história, mulheres perderam suas vidas por se revoltarem contra suas realidades, porém tais ideais revolucionários tiveram maior proporção com a instauração do feminismo, visando uma nova relação entre homens e mulheres, não mais de dominação, porém de igualdade (PINTO, 2010).

Freud, ao dar voz para as histéricas, também participou deste movimento de colocar a mulher em posição de sujeito, posto que seus sintomas eram vistos como coisas diabólicas, e o psicanalista deu lugar para que as mesmas pudessem falar por si, sobre as suas próprias questões (FUENTES, 2009).

Mas seria ingênuo considerar que essa nova inserção das mulheres na cultura tenha sido causada apenas pelo feminismo que levantou sua bandeira ou pela psicanálise que lhe deu voz, ainda que tenham sido cruciais para tanto. O próprio feminismo como movimento [...] e a prática da psicanálise podem ser concebidos como uma resposta em uma época em que já declinavam os semblantes da autoridade do pai, da família patriarcal e em que novas formas de organização da família e da sexualidade já estavam em um processo de profunda transformação (FUENTES, 2009, p. 14).

Possivelmente, como dito por Lacan, o declínio do semblante da autoridade do pai, teria começado com a queda do Antigo Regime e a perda do poder absoluto da igreja e do Rei, onde os parâmetros até então estipulados, foram substituídos pelos conceitos de igualdade, fraternidade e liberdade (FUENTES, 2009).

2.2 FEMINISMO

O movimento feminista surge com ideal libertário, promovido por mulheres estudiosas do século XIX, pedindo para além da inserção da mulher em sociedade - seja na educação, na vida pública e no trabalho - mas também visando liberdade e autonomia frente suas realidades e escolhas, desde as de sua vida como as sobre seu corpo (PINTO, 2010).

A primeira onda feminista no Brasil, também se manifestou por meio da luta feminina pelo direito ao voto. As mesmas eram chamadas de *sufrajetes* - como também eram chamadas na Inglaterra - e foram lideradas por Bertha Lutz. Tal direito foi concedido em 1932, com a instauração do Novo Código Eleitoral, devido a um abaixo assinado que fora levado ao Senado. Há também neste primeiro momento, um movimento em prol de melhores condições de trabalho nas fábricas devido a serem totalmente repugnantes e sem quaisquer valorizações. Após estas reivindicações, o feminismo perdeu força e esta só retornou em 1960 (PINTO, 2010).

Em todo o mundo a década de 60, foi marcada por movimentos libertários - exceto no Brasil, que em 1964 sofreu o golpe militar - como por exemplo, nos Estados Unidos da América acontecia o movimento *hippie* que promovia o ideal de paz e amor, lutando contra os moldes sociais estipulados. Na Europa ocorria a Revolta dos estudantes que iam contra os moldes de educação até então concretizados. Para o feminismo, esta década foi marcada como segunda onda do mesmo, em que Simone de Beauvoir escreveu o livro "O segundo sexo" que ia de acordo com os ideais feministas, por denotar a ideia de que não se nascia mulher, mas que se tornaria. Algo que serviu de incentivo ao movimento, por promover que padrões impostos sobre o que é ser mulher só por ser do sexo feminino, não fossem aceitos. Outra obra da época foi "A mística feminista" de Betty Friedan, e foi quando pela primeira vez falou-se tão abertamente acerca das relações entre os sexos de acordo com a supremacia masculina até então estabelecida - que ainda se pode ver resquícios nos dias atuais -. Também nesta época foi criada a pílula anticoncepcional (PINTO, 2010).

No Brasil, na mesma década, vigorava a Bossa Nova, e como já dito, passava por momentos políticos conflituosos, tendo em 1964 o golpe militar que perdurou até 1985. As feministas na época sofriam bastante por se rebelarem, tendo em vista que

qualquer pessoa que se manifestasse contra o que era imposto, sofreria as consequências de tal rebeldia. Muitas eram exiladas, o que trouxe como consequência o contato com as feministas europeias, principalmente as de Paris, dando força ao movimento (PINTO, 2010).

A terceira onda do feminismo ocorreu no período da redemocratização brasileira e este fora marcado por uma grande presença do movimento libertário feminista. Nesta época ocorreu a popularização do feminismo por este entrar em contato com as classes populares, e com isso os seus ideais ganharam novos atributos e interesses frente às demandas sociais (PINTO, 2010).

A segunda e a terceira onda trouxeram mudanças significativas no que tange, inclusive, à violência contra a mulher - termo criado pelo movimento, no ano de 1970 -. Deu-se início a discussões acerca da violência, em 1960, primeiramente focada na violência contra crianças devido ao alto número de incidência de casos. Em 1970, como já dito, a mulher foi trazida à tona, focando primordialmente no alto índice de homicídio, muitas vezes praticado por seus próprios parceiros afetivos, e posteriormente houve a abrangência para o termo violência contra mulher em suas variadas formas. Podendo ser levada às autoridades as denúncias realizadas por mulheres que conotassem violência realizadas contra elas. Em 1980, o termo sofre uma alteração para violência doméstica em virtude de que muitos casos de violência contra as mesmas ocorriam dentro de seus lares. Também neste ano, criou-se a primeira delegacia especializada no atendimento de mulheres. Na década seguinte, o termo sofreu outra bifurcação, sendo considerado como violência de gênero, designando-se à quaisquer agressões e abusos advindos de conflitos de gênero (PIOSIADLO et al., 2014). O conceito de gênero também foi desenvolvido pela teoria feminista, e condiz com o sistema de relações de poder baseadas no conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos atribuídos a homens e mulheres. Indo contra o modelo já estipulado, de analisar essas diferenças apenas pelo determinismo biológico, sendo homem por ter nascido com o órgão sexual masculino e mulher por nascer com seu órgão sexual respectivo (ABREU; ANDRADE, 2010). Tais diferenças inegavelmente existem, porém não deve possuir um significado único e fixo, pois as diferenças históricas, geográficas, culturais e sociais devem ser consideradas primordialmente. Assim pode-se dizer que a violência contra a mulher é um dos maiores números de violência de gênero (AFONSO, 2007).

Ainda na década de 90, o ministério da saúde atrelou a saúde ao movimento feminista, tornando a violência contra a mulher um problema de saúde pública, em razão da vulnerabilidade que as mesmas se encontravam quando submetidas a este tipo de situação, inclusive porque assim estaria obedecendo aos preceitos de saúde coletiva. Sabe-se que a violência é histórica e socialmente construída, porém não se pode cair neste discurso naturalizando-o, pois acaba-se por negar que existem formas de intervenção eficientes. Deve-se, a partir deste entendimento tornar-se agente de mudanças frente a isto (PIOSIADLO et al., 2014).

Nos dias atuais, apesar de toda a luta já realizada frente a realidade da mulher, o que propiciou que a mesma pudesse trabalhar fora de casa, ter suas escolhas e sua própria autonomia, escolher ter filhos ou não - ainda que haja influência do meio social para que se tenha - pertencer inclusive à política, ainda são altos os índices de violência contra a mulher em suas variadas formas. Em meados do século XXI, encontram-se resquícios de uma história norteada pela supremacia masculina. Tal supremacia exercida sob influência do patriarcado, torna este um dos motivos que mais levam à violência contra a mulher por propor a dominação sobre ela. Porém tal dominação deve ser considerada em suas diversas formas, não como sendo exercida da mesma maneira, devido a cultura e o social, bem como a própria resistência feminina, demonstrar essas diferenças contextuais. E para, além disso, considerar a subjetividade daquele que abusa e da mulher abusada, tendo em vista que frente a todas estas colocações, que considera fatores culturais e sociais, ambos podem ir de acordo ou contra, dominando ou submetendo-se, ou não, e de formas diferentes (ARAUJO, 2008).

Houve um embate entre o feminismo e as concepções freudianas, uma vez que estas diziam que o homem e a mulher são de fato, diferentes, o que “excluiria” o que era defendido pelo movimento de que deveria haver a igualdade. Contudo, Freud construiu frente a esses embates, a concepção de que o que instauraria essa diferença seria apenas a libido, já que o inconsciente para nomear a diferenciação sexual, só reconhece a inscrição do falo (FUENTES, 2009).

Lacan, radicaliza, nos anos 70, a tese de Freud, ao dizer que a mulher não existe e que:

[...] não há no inconsciente a inscrição da mulher, indicando que o feminino permanece como uma ausência que não cessa de não se escrever na linguagem, mas que insiste como um real em relação ao qual as mulheres estão mais afetadas, mas com o qual os homens também se confrontam. Ou

seja, “A” mulher não existe, mas o feminino permanece mais além de toda revolução das mulheres na civilização (FUENTES, 2009, p.22).

Não há algo que nomeie a posição da mulher, enquanto categoria, portanto, cabe a cada uma que o faça frente ao seu gozo, marcado pela falta do falo, ou seja, “[...] se inscreva do lado feminino das fórmulas da sexuação, encontrar um meio de tratar esse gozo real quando a referência ao falo não satura o gozo nas mulheres” (FUENTES, 2009, p. 23). Já o homem não é marcado pela falta, ou seja, esta não designa seu gozo, ao passo que ele é nomeado pela significação fálica. Dito isso, o ser mulher é preenchido pela criatividade, por ser sempre uma invenção, não sendo apenas embasada em condições socioculturais, mas “[...] resulta de uma posição subjetiva singular construída a partir do encontro contingente do corpo com a língua materna pela qual o sujeito foi falado e da trama tecida no cenário edipiano” (FUENTES, 2009, p. 23). O que traz a concepção de que esta mulher pode ou não consentir com a versão de mulher estipulada e construída precocemente em sua vida.

2.3 MULHER E A PERSISTÊNCIA EM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Nesta pesquisa, abordou-se acerca de mulheres jovens, tendo em vista um estudo no qual 41,4% das mulheres de 21 a 30 são acometidas pelos abusos já citados. Sendo que até os 20 anos cerca de 14,2%; de 31 a 40 anos cerca de 29,2%; de 41 a 50 anos cerca de 12,6%; de 51 a 60 anos cerca de 2,2%; e de 61 a 69 anos cerca de 0,5% de frequência de mulheres submetidas à violência desde psicológica até física realizadas por parceiros ou ex-parceiros. Comumente as mulheres denunciam agressões físicas, porém de forma concomitante ocorrem abusos psicológicos, sexuais e/ou econômicos (MARQUES, 2005).

Apesar do alto índice de mulheres que sofrem violência em seus relacionamentos, nota-se que muitas delas não conseguem se desvencilhar de seus parceiros. E muitas pessoas questionam o porquê destas mulheres não conseguirem romper com a situação abusiva. Algumas pesquisas demonstram que em um gama considerável de casos, a ideologia de gênero é um dos fatores que mais influenciam na persistência dessas mulheres, ao naturalizarem a dominação masculina e não virem como algo tão drástico, como de fato é. Ademais nota-se que a permanência na relação ocorra devido a idealização do amor, no sentido de que “quem ama perdoa”, bem como a dependência emocional e econômica, e a angústia de ficar sozinha (ARAUJO, 2008).

Sabe-se que a violência não será igualmente percebida ou vivida por toda mulher. Há elementos, como idade, condições familiares, sociais, econômicas e culturais, que podem se conjugar ao gênero. As relações de gênero que fundam a violência não existem no vazio, mas sim em contextos históricos e socioculturais específicos que conferem características diferenciadas à violência, assim como os fatores de risco e fatores de proteção em contextos mais e menos vulneráveis (OLIVEIRA et al., 2010, p.11).

É recorrente o fato de mulheres não denunciarem os parceiros devido ao medo de que os abusos tomem maior proporção e não cessem, bem como geralmente ocorre que elas denunciam seus parceiros com o intuito de intimidá-los, porém retiram a queixa em seguida não dando continuidade no processo. Contudo, de certa forma faz-se importante a denúncia tendo em vista que no momento em que a fazem, saem de sua posição de opressão para uma posição de empoderamento. Devido a isso, é necessário que sejam acolhidas e conscientizadas de seus direitos e necessidades (ARAÚJO, 2008).

2.4 LEIS QUE ASSEGURAM ESSAS MULHERES

A Lei que foi construída para assegurar as mulheres vítimas de violência doméstica é a Lei Maria da Penha (11.340/2006). É uma lei complexa que possui 46 artigos, que foi sancionada frente à pressão dos movimentos e organizações feministas e de mulheres que pediam um respaldo e um apoio do Estado frente à realidade de violência doméstica. Possui como objetivo a criação de meios para a coibição da violência designada contra a mulher, e prevê políticas que atuem na prevenção, orientação, bem como o encaminhamento de homens e mulheres em situações de violência (NOTHAFT, 2015). A Lei, determina que:

[...] Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

[...] Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2006).

Ainda de acordo com a Lei Nº 11.340, acerca dos tipos de violências considerados, referente ao art. 7 (BRASIL, 2006)

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A Lei também assegura as medidas protetivas de acordo com cada caso particular e suas necessidades, bem como as punições necessárias ao violador/abusador (ARAÚJO, 2008).

Pode-se pensar que essas leis só assegurem mulheres que possuem um relacionamento oficializado, como por exemplo, o casamento ou união estável. Entretanto, são asseguradas pela lei, mulheres que são agredidas por quaisquer pessoas com as quais tenham ou tiveram vínculo afetivo, portanto não necessita de coabitação para se amparar pela lei, bem como para que se caracterize como uma violência contra a mulher. Isto acaba por envolver inclusive, namoros que tiveram fim, posto que durante certo período, a vítima teve uma relação íntima e afetiva com o agressor (GOMES, 2009). Algo que é embasado pela própria Lei Maria da Penha (11.340) pois:

Art. 5º. Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - **em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.**
(BRASIL, 2006, grifo nosso)

Portanto, trata-se de violência doméstica também, toda e qualquer violência direcionada à namorada ou ex-namorada, ou relações com menos seriedade social. A relação íntima afetiva, citada acima, engloba o relacionamento entre dois indivíduos, pautado, seja no amor, na camaradagem ou na amizade. (GOMES, 2009).

2.5 IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DAS MULHERES VITIMIZADAS

Além das leis, faz-se necessário apoio e acompanhamento para com essas mulheres. Um estudo realizado em 2014, procurou demonstrar as consequências na saúde da mulher decorrentes de violência praticada por seus parceiros. Tratou-se de uma pesquisa de campo, realizada no município de João Pessoa, composta por uma amostra de 406 mulheres com idade acima de 18 anos, em que as mesmas responderiam a uma entrevista com questões referentes às violências a que eram acometidas. De acordo com os resultados obtidos, dentre as mulheres que disseram terem sido vítimas de violência, 67% apontaram ter sofrido violência psicológica e 33% relataram violência física e psicológica concomitantemente. Ademais não demonstraram possuir conhecimento acerca dos outros tipos de violência (SILVA et al., 2015).

[...] as respostas estavam correlacionadas aos aspectos da insegurança, stress, depressão, bem como as dificuldades com novos relacionamentos e até mesmo sono e descanso prejudicados. Algumas mulheres atribuíram à violência sofrida aos efeitos de sintomas físicos, tais como: cefaleia, desconfortos na coluna cervical, náuseas frequentes, tonturas e picos hipertensivos (SILVA, S. et. al., 2015, p.2)

Outro aspecto que é de total importância é a autoimagem dessas mulheres que se encontram em situação de violência. Uma pesquisa realizada na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, teve como objetivo identificar esse aspecto, realizando uma entrevista com seis mulheres que se encontravam em situação de violência, praticadas pelo parceiro amoroso. Tais entrevistas realizaram-se na Delegacia da

Mulher da respectiva cidade, quando estas mulheres foram prestar depoimento frente à violência (OLIVEIRA et al., 2010).

As mulheres jovens, de 21 a 34 anos:

[...] apresentaram comportamentos impulsivos, sentimento de desvalia, necessidade de isolamento social e de afeto, além de humor variável e negativo, simbolizadas na figura humana, respectivamente, por nariz retocado, mãos diminuídas, pernas juntas e omissão dos pés e pela boca grande (OLIVEIRA et al., 2010, p. 14).

Além disso, essas mulheres sentiam-se decepcionadas, bem como tinham sentimento de perda, mágoa, fracasso e desgosto. O que culminou também em baixa autoestima, e em sentimento de culpa. Muitas tendiam ao isolamento social, o que culminava no possível afastamento das redes sociais que lhe forneceriam apoio, inclusive da própria família. Sentiam que as agressões verbais e psicológicas as violentavam mais gravemente do que a própria agressão física, pois constatam a perda de confiança em si mesmas (OLIVEIRA et al., 2010).

2.6 CASO PÚBLICO DE VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTO AFETIVO

Pode-se notar que diariamente a sociedade é posta frente a episódios de violência contra a mulher, isto está estampado em jornais e reportagens (APÊNDICE E). É assustadora a quantidade de casos em que namorados agredem e, inclusive, matam suas parceiras. E em muitos dos casos, as vítimas já estavam sofrendo violências há tempos, mas por algum motivo não puseram fim à relação. Há diversos questionamentos acerca de até que ponto pode-se ter o envolvimento de terceiros na relação, visto que no imaginário social se prega que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” independente de se tratar de namoro ou casamento de fato. Um acontecimento que deixou isso claro foi o sequestro no ônibus 499, no Rio de Janeiro no ano de 2006, que envolvia o ex-marido como sequestrador e a ex-mulher como vítima. O mesmo além de espancá-la, apontou uma arma em sua cabeça, e a manteve refém dentro do ônibus com mais 55 passageiros, e alegou que estava fazendo isto devido a traição da ex-mulher (CARRETEIRO; MATTAR, 2008).

A imprensa apontou o crime como sequestro, porém muitas das testemunhas alegaram que foi “briga de marido e mulher”, e alguns se solidarizaram com o suposto sequestrador dizendo que ele não queria fazer nada disso e só estava transtornado. Alguns passageiros bem como a mídia disseram que em casos assim, haveria a necessidade de intervenção policial. Algo que chocou, portanto, foi que após todos o

episódio, a vítima ter saído com vida, e o sequestrador ter pago sua pena, ambos reataram o casamento. A vítima alegou ter voltado por amor, ao perdoar o que tinha acontecido (CARRETEIRO; MATTAR, 2008).

2.7 MULHERES QUE AMAM DEMAIS

Robin Norkwood procurou compreender essas mulheres. Em seu livro “Mulheres que amam demais” demonstrou algumas das características das mesmas bem como o que permeia este tipo de relação. Abordou sobre questões acerca de mulheres que seriam como salvadoras destes homens – os que se atrelam ao tipo de relacionamento em que precisam de um amor devoto- partindo do pressuposto de que deles se aguentaria tudo. Algo que não se percebe apenas nos dias atuais, mas que se pode observar em contos de fada como “A bela e a fera”, que produz no imaginário a ideia errônea de que se pode mudar o parceiro lhe ofertando todo seu amor, e isto seria suficiente. Algo que de fato é reforçado inclusive, pela mídia (NORWOOD, 2011). Tais atitudes, de vontade de que o outro mude através do amor para com ele, podem ser demonstradas de várias formas:

Quando fazemos por outra pessoa o que ela pode fazer para si própria, quando planejamos o futuro de outra pessoa ou suas atividades diárias, quando instigamos, aconselhamos, lembramos, advertimos ou persuadimos outra pessoa que não seja uma criança, quando não conseguimos tolerar no lugar dela as consequências de seus atos e assim tentamos mudá-los ou impedir suas consequências — isso é controlar. Nossa esperança é que, se podemos controlá-la, então podemos controlar nossos próprios sentimentos no que se refere a essa pessoa. E, logicamente, quanto mais nos esforçamos para controlá-la, menos somos capazes disso. Mas não conseguimos parar (NORWOOD, 2011, p. 160).

Porém, além de ser algo desgastante, torna-se vicioso. A autora também discorreu a respeito de algumas características que seriam comuns em mulheres que são “sugadas” por relações em que há falta de afeto por parte do parceiro. Seria por exemplo, advir de um lar desajustado onde não obteve afeto de forma satisfatória; por não ter tido atenção necessária na infância, tenta suprir essa falta sendo extremamente atenciosa e amorosa para com pessoas carentes, e de fato, homens dominadores demonstram carência extrema; a tentativa de fazer o parceiro mudar, assim como gostaria de ter feito com os pais, tornando-os mais amorosos, porém não foi possível; angústia da solidão; como visa-se ajudar este homem, nada torna-se problema, pois o amor é capaz de sustentar; autoestima baixa, não acreditando que

também necessita ser amada e assim usufruir de felicidade, e devido a não ter tido afeto na infância, e assim ter tido uma experiência de insegurança, sente-se obrigada a controlar seus parceiros para obter essa segurança, o que pode ser demonstrado com o tal amor à toda prova (NORWOOD, 2011).

2.8 MULHER QUE PERSISTE X VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

Um estudo dedicou-se a pesquisar acerca deste fator que correlaciona os maus-tratos na infância e/ou adolescência ao envolvimento em relações que são abusivas. Foi possível notar que por terem sofrido algum tipo de violência na infância, a enxergam como um bem adquirido e não como um dano, que de fato é. Tal qual pode ser desencadeado – de acordo com linha teórica da pesquisa – devido à construção psíquica se basear desde a infância, e poder ocorrer o apego ao parceiro, através da identificação para com ele, advinda destes primeiros relacionamentos. O que ocasionaria em uma “aceitação” da violência sofrida na vida adulta (SILVA, M. et al., 2009).

Esse fato concorre para, pelo processo de identificação, o indivíduo reproduzir também a violência (Freud, 1921/1974). A identificação (Freud, 1921/1974) é o laço afetivo que une o indivíduo aos seus pares, promove a cultura, faz sobreviver a instituição familiar e, ao longo da história, é transmitida de geração em geração, como forma de perpetuar a espécie humana. Conforme esta teoria, é na relação com a família ou com a pessoa que cuida que esses modelos se estabelecem e são reproduzidos. De acordo com Freud (1913/1974) em “Totem e Tabu”, após os filhos da horda primeva assassinarem o pai tirano, foi necessário criarem um totem a quem venerar e prestar obediência, sendo esta a prerrogativa da lei para garantir a existência da espécie (SILVA, M.et.al. apud FREUD, 2009, p.125)

Diante do processo de identificação, citado acima, compreende-se que o inconsciente se constitui também pelo olhar do Outro, bem como com a relação do sujeito para com este (SILVA, 2009). Como esta pesquisa se pautou no olhar da psicanálise, visando o inconsciente, frente a persistência da mulher em um relacionamento, ainda que neste haja a violência, fez-se necessário que se aprofundasse nesta.

2.9 PSICANÁLISE E A PERSISTÊNCIA

2.9.1 O Inconsciente

Freud, o pai da Psicanálise, com a descoberta do inconsciente, trouxe formulações de grande importância para o entendimento humano. E Lacan continuou evoluindo acerca de suas formulações. Em uma concepção inicial, Freud afirma que para se ter acesso ao que pertencesse ao inconsciente, deveria haver uma espécie de tradução para que pudesse minimamente trazer à consciência aquilo que até então estava fora dela. Todavia não seria um processo fácil de conseguir, considerando que o sujeito deveria superar as resistências que impediam a passagem para a consciência pelo processo de repressão (FREUD [1914-1916], 1996)

O inconsciente seria não só um estado de ausência de consciência, em que as ideias e lembranças estariam em um processo de latência, mas uma dimensão que orientaria os atos na medida inclusive de suas relações com a pulsão. Tal descoberta era legítima e necessária, uma vez que a mente com a proporção infinita que possui, não é de toda consciente, pois nem todos os atos são justificáveis pela mesma. Como Freud disse “ideias que assomam à nossa mente, vindas não sabemos de onde, e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como” (FREUD [1914-1916], p. 99,1996). Tal instância manifestar-se-ia através dos chistes (atos falhos), dos sonhos, e dos sintomas, ou seja, pelas formações do inconsciente, e precisaria de um trabalho minucioso de um analista para que o sujeito tomasse conta de seu funcionamento. Após anos de formulações e experiências Freud se deu conta que tal processo só poderia ser realizado através da fala do paciente, pela associação livre (FREUD [1914-1916], 1996).

O paciente, ao falar, certamente terá chances de se desprender das suas amarras paralisantes, de suas inibições, de seus sintomas e das suas angústias, para então, abrir as portas da construção de uma demanda [...] Ao se dirigir rumo a uma psicanálise, o exercício da fala que dará o seu tom, permitindo que se constitua um cenário esdrúxulo e paradoxal, por onde se escreverá uma verdadeira história deste novo sujeito a surgir (NAZAR, 2006, p. 15),

Esta pesquisa utilizou da fala das participantes para compreender o tema de estudo, e nenhum outro método poderia ser melhor, no sentido de incluir o inconsciente, uma vez que a fala é um significante (NAZAR, 2006). É com o intuito de compreender, para além da própria consciência, a posição de persistir em um relacionamento devastador

que se embasou esse trabalho. Elaborado para que se capturasse algo da ordem de seu inconsciente, pois nossos atos e escolhas vão para além da consciência (NAZAR, 2006).

2.9.2 O Complexo de Édipo

Faz-se importante pois, que se compreenda minimamente acerca do Complexo de Édipo elaborado por Freud, visto sua importância para a constituição do sujeito. Ademais, tal processo será citado no desenrolar da pesquisa. Tal fenômeno ocorre no período sexual da primeira infância - sendo neste momento que percebe a diferenciação sexual -. E posteriormente ocorre sua dissolução, seja pelo fato de que assim como, por exemplo, os dentes de leite caem, seria um processo que se esvai com a maturação, ou dada a sua própria impossibilidade interna, que inseririam ao sujeito o medo da castração ou da perda do amor paterno (FREUD [1923-1925],2006).

Este fenômeno ocorre de forma distinta para os meninos e para as meninas, já que o objeto primordial do menino é a mãe e continua sendo. Todavia a menina tem como seu primeiro objeto a mãe e, posteriormente, volta-se para o pai. A dissolução acontece devido ao medo da castração para os meninos, enquanto na menina tal processo ocorre pelo medo da perda do amor paterno, pois de fato já ocupa a posição de ser castrada por não possuir o falo (FREUD [1923-1925],2006).

Atrelada à punição de tocar os órgãos genitais – que funciona como uma espécie de descarga da excitação sexual advindo do próprio complexo -, o menino percebe que a menina não possui o pênis, algo que denota para ele a ideia de que um dia possuiu e lhe fora retirado por algum motivo, ambos funcionam para que o menino perceba que pode perder seu próprio pênis e renuncie à mãe bem como os desejos por ela. Tais fatores e o medo de perder o amor do pai, faz com que se saia do complexo, com a proibição do incesto – quando a saída é realizada de forma satisfatória -. Os investimentos objetais até então depositados na mãe, serão abandonados e substituídos pela identificação com outros objetos que visarão encobrir este (FREUD [1923-1925],2006).

A menina, que já “perdeu o pênis” e é por excelência castrada, tem a castração como fato consumado, tenta então, suprir essa perda na esperança de que seu pai lhe gere um filho. Mas como percebe a impossibilidade deste acontecimento bem como teme

perder o amor de seus pais, como já dito, a mesma sai do complexo de Édipo (FREUD [1923-1925],2006).

A partir dessas conclusões a autoridade dos pais, neste momento, tanto para o menino como para a menina, possuem a função de instaurar o *Supereu* seguida de um período de latência. Tais acontecimentos, na psiquê humana, se configuram como períodos de intenso sofrimento que serão constituintes para o sujeito, bem como para sua forma de se relacionar com o mundo (FREUD [1923-1925],2006).

Lacan, tendo como base esta teoria, dividiu o Complexo em três tempos lógicos. No seminário 5, em sua obra “As formações do inconsciente” (1957-1958), abordou acerca da questão, e disse que o primeiro tempo lógico se definiria como o momento em que o bebê se vê como objeto de desejo de sua mãe. À esta, designam-se suas necessidades, que podem ou não ser satisfeitas. Neste momento, a criança e o falo são equivalentes, de modo que é ela que ocupa o lugar da função fálica, por estar sujeita ao desejo e a lei da mãe (SANTOS, 2015)

O segundo tempo lógico inicia o processo simbólico, ao inserir o sujeito neste, tendo em vista que, a criança não mais será objeto de desejo da mãe, com o aparecimento de um terceiro na relação, que possui função paterna, representando, o Nome-do-pai. Este se configura como uma metáfora, em que a mãe permite que haja um terceiro na relação com a criança – que é narcísica – e lhe mostra que é inserida na lei paterna. Além disso, é este quem instaura a lei no sujeito. Metaforiza o lugar que não pode mais ser ocupado pela mãe, ao barrá-la, pois até então foi onipotente e absoluta (SANTOS, 2015).

Também é neste segundo tempo que ocorre a castração simbólica, onde o sujeito é barrado frente aos seus desejos, e tem de recalá-los. Esta intervenção simbólica faz com que haja a destruição – ou pelo menos o recalçamento - da equivalência da criança com o falo materno (SANTOS, 2015).

E por fim, o terceiro tempo lógico, demonstra à criança que ela agora possui um falo, e não apenas o é. O representante do Nome-do-pai passa a representar um ideal para este sujeito, com o qual visa identificar-se (SANTOS, 2015).

2.9.3 Psicanálise e Violência contra a mulher

Freud publicou, em 1919, “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”, e nesta obra disse que a vida escolar despertaria fantasias nas crianças, relacionadas ao espancamento, tendo início entre os 2 e 5 anos de vida. No período de dois anos, aproximadamente, surgiria os fatores libidinais e a fantasia surgiria por volta dos cinco anos, como dito, com a inserção no meio escolar. Tratando-se de um traço primário da perversão. Este, não persistiria ao longo da vida do sujeito caso fosse submetido a repressão, transformado através da sublimação ou substituído por uma formação reativa (SANTOS, 2015).

Situou que esta fantasia teria três fases. A primeira foi denominada como período primitivo infantil, e a criança vê uma outra apanhando, jamais vê a si, geralmente vê o irmão ou a irmã – quando possui. A fantasia criada tem como objetivo a observação de outra criança sendo espancada. A segunda fase, a pessoa que bate, na fantasia – que até então era um outro – torna-se o pai, e a criança que fantasia é a que ocupa o lugar da que apanha. E o que fica no seu imaginário é “Estou sendo espancada pelo meu pai” (FREUD [1924], 2006, p. 201). Tal fase é puramente inconsciente, e jamais o sujeito se lembra, somente através de um processo analítico (SANTOS, 2015).

Já na terceira fase, o pai não é mais reconhecido, como também não é na primeira fase. Este é substituído por outro sujeito, bem como o espancamento ocupa o lugar de um “castigo, a humilhação, qualquer tipo que cause um constrangimento ou um desprazer para a criança que está sendo constituída pelo pai” (SANTOS, 2015, p. 4). Este castigo, tem valor para criança não enquanto castigo, mas significa a esta a possibilidade de perder o amor (SANTOS, 2015).

A fantasia ocupa um lugar de grande importância neste processo, e ganha forças posteriormente ao tempo incestuoso – dito acima, acerca do Complexo de Édipo -. No que tange ao masoquismo e sadismo, é neste momento que esta fantasia também ganha forças, e o desejo inconsciente não mais é sustentado pelo amor, mas pela dor.

Freud (1919) relata que “A criança disse: ‘Ele (o meu pai) só ama a mim, e não à outra criança, pois está batendo nela’. O sentimento de culpa não pode descobrir um castigo mais severo do que a inversão deste triunfo” (p.204).

Podemos observar claramente a fantasia sádica, sendo que este pensamento está relacionado com a primeira e terceira fase. Em sua segunda fase – ressaltado que esta fase é totalmente inconsciente – Freud (1919) mostra que a criança se torna masoquista, pois houve um deslize pelo amor do pai. “Não, ele não ama você, pois está batendo em você” Freud então continua, “Desse

modo, a fantasia da segunda fase, a de ser espancada pelo pai, é uma expressão direta do sentimento de culpa da menina, ao qual o seu amor pelo pai sucumbiu agora [...]" (p. 205). (SANTOS, 2015, p. 4).

Pode-se ver com clareza, no masoquismo e sadismo, já na vida adulta, que isto representa um desejo recalcado na infância. Pois a um outro é designado o pai e sua função, satisfazendo-se por apanhar do mesmo, ou até bater (SANTOS, 2015).

Freud denominou a existência de 3 formas de masoquismo, que é o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino, e o masoquismo moral. O primeiro, respectivamente, condiz com o fato do sujeito sentir prazer na dor. O segundo, "[...] que a introdução da potência através do ato sexual em si, forçado a obediência incondicional, onde o princípio feminino que é na perversão, a mulher associa esse prazer com o maltrato" (SANTOS, 2015, p. 5). E o terceiro, em que o sujeito se satisfaz ao ser julgado ou culpado (SANTOS, 2015).

Ademais, será falado sobre a pulsão, entretanto pode-se adiantar que no masoquista prevalece um "apagamento" da pulsão de morte, enquanto que no sádico essa pulsão é afluída, em que o sujeito goza pulsionalmente com o sofrimento do outro. "Na infância a surra levada enquanto criança aflora o sujeito em bater, o rival do menino – o pai – no qual o espancou faz com que sua pulsão de morte aflore para espancar um próximo [...]" (SANTOS, 2015, p.6).

Freud estipulou a existência de três instâncias na psiquê do sujeito. O id, o ego e o superego. O primeiro seriam as pulsões, os desejos, sem quaisquer limites. O terceiro, respectivamente, seria o representante da moralidade, que barraria as pulsões. E o segundo, seria o equilíbrio entre as pulsões e a moralidade, visando satisfazer o sujeito, porém não exatamente com o que a pulsão pede, mas com algo que substitua.

Diante disso, cabe ressaltar que "quanto menos agressivo a pessoa se tornar, mais severo será o *Supereu*, a pulsão estará presente, mas não haverá relação de objeto" (SANTOS, 2015, p. 6). Isto ocorre, pois, a moralidade barra o desejo incessante (SANTOS, 2015).

Freud destaca que as fantasias masoquistas – ser rebaixado, maltratado, forçado a obediência incondicional, dentre outras – indicam que o masoquista deseja ser tratado como uma criança abandonada e, sobretudo, travessa. E mais, ao assumir uma atitude masoquista, o sujeito seja homem ou mulher, situa-se numa posição caracteristicamente feminina, cujas fantasias masoquistas significam ser castrado, copulado ou dar a luz a um bebê (MIRANDA; RAMOS, 2014, p.45).

Freud postulou que o masoquismo seria algo marcante do feminino – não enquanto anatomia, mas enquanto função -. Tal masoquismo seria a supressão da agressividade, que ocasionaria em ligar eroticamente, as tendências destrutivas voltadas e desviadas para si (FREUD [1932-1936], 2006). “Desse modo, o masoquismo é verdadeiramente feminino, entretanto, isso não impede que haja homens masoquistas, os quais revelam evidentes traços subjetivos femininos” (MIRANDA; RAMOS, 2014, p.46).

Lacan (1985), em seu seminário XX, aponta que é sob o imperativo do Outro que funciona o aparelho do gozo. Em relação ao homem esse Outro se torna um outro, uma mulher qualquer. Da parte de uma mulher, ela é um objeto subserviente ao gozo fálico na fantasia masculina. Daí, o masoquismo ser feminino (MIRANDA; RAMOS, 2014, p. 46).

Antemão, a posição masoquista não seria o gostar da dor e do sofrimento que ocorre dentro da relação, mas sim não se submeter ao desamparo ainda que isto custe seu corpo (MIRANDA; RAMOS, 2014).

Na posição masoquista, o sujeito se agarra e se cola a um outro, oferecendo a este, em contrapartida, seu corpo como objeto de gozo, para assim evitar, custe o que custar, a tragicidade de experiência do desamparo. A solidão que esta experiência implica é insuportável para essas individualidades, de forma que elas preferem se agarrar à fábula fálica do outro do que suportar real angústia (BIRMAN, 2001, p. 47).

Ao associar com a violência na qual se resume este trabalho, presume que trataria de uma fantasia masoquista em que o agressor seria reconhecido como o pai que um dia agrediu no intuito de castrá-la quanto ao seu desejo por ele, agindo como um castigo. O fato de presenciar um relacionamento abusivo na vida adulta seria uma regressão a esta fase originária, como se sentisse a necessidade de ser castigada por algo (MIRANDA; RAMOS, 2014).

Utilizando também do conceito de devastação, dito por Lacan, que “em si pode ser definido como arrasar, destruir, arrebentar” (SOUZA, 2011, p.87), seria uma experiência de ordem subjetiva e que habita a princípio, na relação entre a mãe e a filha, e depois na relação amorosa da mulher com o seu parceiro bem como em sua forma de lidar com seu próprio corpo (SOUZA, 2011).

Trata-se do efeito da mãe sobre a filha, quando esta se mantém numa reivindicação fálica lançada sobre o Outro materno, que faz a filha gozar da mãe e supostamente entender-se como objeto castrado do qual a mãe goza. Assim, em suas escolhas amorosas, a mulher deseja ocupar a posição de objeto mais-de-gozar na fantasia do homem, porém, não sem uma luta: a de não se tornar novamente objeto de gozo na existência do Outro, como ocorreu em sua relação com o Outro materno (SOUZA, 2011, p. 87).

Neste processo, o mediador é o amor, todavia, estar na posição de objeto de gozo do outro - sendo posse deste -, e o gozar desta posição implica em uma devastação para a mulher. Freud, em 1931, percebeu que havia algo de resistente na subjetividade feminina, o que seria a constituição de seu ser como mulher, e que se originaria em uma “catástrofe”, que é – no Complexo de Édipo – o deslocar-se da mãe para o pai, como um segundo na devastação e tratar-se de uma marca desta primeira relação, que será de onde partirá as suas demandas amorosas, sendo algo devastador por implicar em algo que é impossível de suportar (SOUZA, 2011).

Lacan situa que a devastação pertence ao campo do desejo do Outro, que para esta menina a mãe é tomada como o Outro primordial, e é significada como objeto de seu desejo materno. A forma como este desejo é significado para a menina irá determinar o tamanho de sua dependência, ou seja, quanto mais essa mãe investir em sua filha, este desejo, tanto mais ela será dependente dele, sendo esta filha a que interpreta esse desejo do Outro, e delimita o quanto é ou não desejada, e consoante a isso ocupa o lugar que compreender que deve ocupar frente a esse desejo materno. Ao deslocar-se para o pai, no desenrolar do Complexo, como já dito, a menina tem de ressignificar este lugar, que até então era ocupado frente ao desejo do Outro materno, sendo agora o pai este Outro que virá preenche-la e a defrontará com a questão de que a mãe não pode “significá-la como mulher, uma vez que também vivencia, ela mesma, a falta fálica” (SOUZA, 2011, p. 87).

O Édipo, portanto, irrompe com o lugar da mãe para a menina, já que agora remeterá ao pai suas demandas. Quando a mãe continua na posição de toda mãe, não sendo perpassada pelo lugar do pai, dividindo assim o gozo fálico de um homem, a filha continuará como objeto desse gozo materno, pois preenchida por esta vivencia uma devastação sendo para essa mãe toda um fetiche ou um desejo, o que dependerá de como se sucede esse desejo nessa relação.

Fetiche quando a criança se torna o “refém fálico” da mãe totalmente ocupada com ela. Dejeito quando a mãe está em nada ocupada com a criança, nomeando-a enquanto injúria, insulto. A falta de uma interdição paterna e a conseqüente inscrição fálica desse sujeito criam para si o equívoco do nome que possui ou deve possuir. Na incerteza, é o lugar de objeto do Outro que lhe confere um nome. O efeito é devastador. O sujeito é reduzido ao “silêncio”, seu corpo é desfalicizado como um corpo em excesso, que é oferecido como objeto sem valor (SOUZA, 2011, p. 87).

Com isso, as escolhas amorosas da filha seguem o padrão de relacionamento estabelecido com sua mãe. A devastação pode ocupar o lugar em que o amor falta,

portanto, um homem-devastação “é aquele que a ilude com o engodo de ser tudo aquilo que ela precisa para existir como objeto” (SOUZA, 2011, p. 87), ainda que seja um objeto resto, um objeto sem valor, que ao marcar o corpo da mulher com a violência – seja ela verbal, psicológica, física ou quaisquer formas – goza de forma perversa sob ela e a faz gozar a devastação, já que esta assume para ela um significado de amor. Algo que é de profunda complexidade pois uma relação encarada como de amor, pode encobrir o que na verdade demonstra um ódio incessante (SOUZA, 2011).

2.9.4 Quatro escolhas de objeto feita pelos homens

Freud elaborou quatro condições que definiriam as escolhas de objetos amorosos feitas pelos homens. Como primeira condição, ele define que a escolha é feita através do fato de que eles definem como objeto de amor, mulheres que estejam ligadas afetivamente a outros homens, os quais que terão de reivindicar os direitos de posse sobre estas. A segunda condiz com a atração por mulheres que demonstrem que não são fieis o suficiente, e que sejam duvidosas, bem como possuam má reputação. O que define, um “amor a prostituta”. “Sua paixão só atinge o apogeu e a mulher só adquire pleno valor quando, apenas, conseguem sentir ciúmes e eles nunca deixam de aproveitar a ocasião que lhes permita experimentar essas emoções tão poderosas”

(FREUD [1910], 1996, p. 100)

A terceira condição, remete à escolha por mulheres que representem integridade sexual, afastando-se da condição citada acima. Para estes homens, elas são vistas com um valor imensurável, em que eles não medem esforços por elas, abdicando-se inclusive de outros interesses. Eles as veem como únicos objetos possíveis de amor e devoção, e exigem de si extrema fidelidade (MIRANDA; RAMOS, 2014).

E por fim, a quarta condição, refere-se ao fato de o amor do homem se sustentar na fantasia de que ele deve salvar a mulher amada. Em que ele a salva, não a abandonando, no anseio de que ela precisa dele (FREUD [1910], 1996).

Ainda que sejam condições que exprimem diferenças entre si, ambas partilham de um mesmo teor significativo, que é o de que são embasados da fixação infantil, por estes objetos representarem a mãe. Objetos que veem para substituir a mãe (MIRANDA; RAMOS, 2014).

Alhures, Freud elabora a proposição referente a duas correntes libidinais: uma afetiva e outra sensual. Explica que em condições normais do comportamento amoroso, um homem irá dirigir a sua mulher tanto à afeição que se ligava aos seus objetos infantis quanto a sua paixão sensual. Entretanto, esse processo de combinação das duas correntes é suscetível a falhar: os investimentos libidinais sexuais pela mãe tornam-se fixos em fantasias incestuosas inconscientes. Como defesa diante do retorno deste material recalçado, o sujeito busca objetos que não precise amar, com o propósito de manter a sensualidade afastada dos objetos que ama [...] (MIRANDA; RAMOS, 2014, p. 39).

2.9.5 O laço amoroso

Aqui reside um dos postulados centrais da teoria da sexualidade freudiana: os investimentos libidinais em objetos surgem como uma tentativa de restaurar algo perdido. A busca deste reencontro é o que caracteriza os relacionamentos amorosos. Freud (1996 [1933]) aposta na impossibilidade disso. Neste ponto, se situa sua ruptura radical com os ideais do amor romântico, cuja busca da “cara-metade” apresenta-se como o meio para fins de uma relação amorosa que seja totalizante, feliz e eterna (MIRANDA; RAMOS, 2014, p.38).

Para a psicanálise, a relação é um laço que elucida o mundo interno de cada um e nesta, as fantasias e as defesas do inconsciente são compartilhadas, de modo que ambos possam responder as necessidades do outro bem como ter as suas, respondidas. O amor que supre a relação é que sustenta a ilusão de realizar o encontro mítico com o objeto primordial, ou seja, ele atualiza ao sujeito o gozo de seu primeiro objeto, na relação atual, assim, sustenta a ilusão do desejo, que corresponde a este objeto perdido (LEVY; GOMES, 2011).

Em uma relação, ocorre a aceitação mútua dos papéis, ou seja, os indivíduos que estão enlaçados em uma situação amorosa, neste cenário, permitem ocupar uma certa posição que sustente o relacionamento. Portanto ambos determinam o modo de funcionamento da relação até que haja o questionamento de seu lugar como sujeito de desejo do outro (LEVY; GOMES, 2011).

Para Lacan, o que permite o início, ou o fundamento do casal, é justamente o sintoma, e que o amor é sempre mediado por este, que inclusive ocupa a não existência da relação sexual (LEVY; GOMES, 2011). O amor só consegue preencher tal vazio, e tal inexistência, através do imaginário, posto que a complementaridade da relação sexual seja impossível de ser realmente tamponada. Algo que denota a verdadeira oposição que há entre o amor e o sexo, ao partir do pressuposto de que o primeiro existe a partir de um vazio pertencente ao campo do desejo, enquanto que o segundo habita

o campo do gozo. O amor, ao existir apenas na falta, implicaria no esvaziamento do gozo, considerando que este seja ilimitado, não havendo a dita falta, e assim não havendo o desejo (FONSECA, 2012).

Quando há o rompimento desse laço que sustenta o casal, ambos são atravessados por emoções de intensidades variadas. Alguns não conseguem fazer o luto do fim da relação e acabam por vivenciar a dor da ferida narcísica, o que compromete, inclusive, a forma como o sujeito se vê, podendo enxergar-se como alguém sem valor. Ao deparar-se com o fim da relação, confronta suas próprias ilusões até então depositadas no outro, que neste momento encontram-se perdidas, já que o mesmo não será mais o objeto para depósito de seus desejos. A saída desta posição implicaria que o sujeito estivesse advertido de que o outro não existe para corresponder e cessar a demanda ilimitada de seus ideais e desejos (LEVY; GOMES, 2011).

Levy e Gomes (2011) ao citar Barros e Silva (2002) denotam que Freud utilizou o termo *Verliebtheit* como referência para paixão amorosa que seria a emoção em que o sujeito não aprecia a razão. Tal emoção, ao corresponder aos desejos inconscientes do sujeito, o iludem de que é um ser completo, portanto, ao perder seu objeto amoroso, rompendo com a ilusão de completude, pode ser levado a passagens ao ato que demonstrem diferentes graus de destrutividade. O outro passa a ser para o sujeito não mais objeto da ordem do desejo, mas da ordem da necessidade, sendo assim, inimaginável viver sem ele, tornando-o insubstituível, e que se há a perda do mesmo, há um sentimento de perda de si (LEVY; GOMES, 2011). Tal visão de completude advinda do outro, condiz com o narcisismo, onde o sujeito acredita que o seu parceiro tem algo que ele não tem, e que serve para encobrir o seu vazio (FONSECA, 2012).

O amor, portanto, é paradoxal ao partir do pressuposto de que em si há também o ódio, como:

[...] Lacan inventa o neologismo “amódio” e afirma que ‘o verdadeiro amor desemboca no ódio’ [...] O ódio advém como a revelação fulminante de uma falta que não pode ser preenchida e que, ilusoriamente, o objeto amoroso parecia tamponar – logo, o ódio advém pela percepção violenta, intrusiva, da ilusão inerente ao objeto amoroso. “Como um amor como esse pode ter fim?”, pergunta-se o sujeito, boquiaberto, defrontando-se com a impotência daquilo que significa para ele sua arma mais poderosa – seu amo. O objeto é odiado por ter forçado o sujeito a se deparar com algo do qual precisamente ele mais se afasta [...] (JORGE, 2010, p. 179).

O que o sujeito busca de fato se afastar é de sua própria incompletude, de que é um ser *nãotodo*. Perder este objeto que o faz sentir completo, pois, traz grandes implicações em sua vida psíquica (SLONGO, 2012).

A separação implicaria na proximidade da morte, portanto, a ânsia em não se lançar ao mundo sem aquilo que o prende em vida.

Romeu e Julieta, de Shakespeare, é a história do amor maior, aquele que não tolera a vida sem o ser amado – o amor que leva cada um dos amantes a preferir a morte à vida sem o outro. [...] A morte consagra esse amor absoluto, ela fornece seu último termo: ela representa, no fundo, o único lugar onde se pode realizar um amor tão grande (JORGE, 2010, p. 165).

Outra possível implicação se dá no sentido de necessitar do outro acima de qualquer coisa para que consiga sustentar a própria existência. Não se aceita viver sem que o outro esteja presente. Algo que podemos encontrar na própria literatura, como citado acima. Tal fato – necessidade do outro - ainda remete ao elo que os liga, ser cortado, e a angústia que isto traz (JORGE, 2010).

O ato de evitar a separação corresponde aos ressentimentos associados a ferida narcísica. Três reconhecimentos são essenciais ao sujeito para que não se submeta a desintegração do ego. São eles: o reconhecimento da fonte de bondade como sendo proveniente do mundo externo; o reconhecimento da relação dos pais como algo de extrema criatividade; e por fim o da passagem do tempo e de que todos têm um fim, ou seja a morte. Porém este reconhecimento, faz com que se reconheça os próprios limites. Caso não haja o reconhecimento da fragilidade e imortalidade, os valores humanos se distorcem e tornam-se perversos, havendo uma recusa do mesmo. O que pode deixar o sujeito mais vulnerável a negação de crueldade, entregando-se a relações em que o masoquismo – dito por Freud - está presente (LADANNO-ADAMO, 1999).

Ainda sobre a angústia frente a morte associada à separação:

A pulsão de morte é responsável pela tendência ao retorno a um estado anterior de quietude absoluta e de ausência das tensões que constituem um sinônimo mesmo da vida. Freud chamou essa tendência de retorno inorgânico, e pode-se traduzi-la pela tendência de retorno ao não ser do qual o ser adveio. A vida tende a retornar à morte, formulou Freud, de forma direta, ao dizer que “o objetivo de toda a vida é a morte”. Mas, no interior da vida já constituída, surge igualmente uma tendência – também conservadora – de manter e preservar a vida, isto é, uma tendência de perseverar no ser (JORGE, 2010, p. 165).

Como esta pesquisa visou compreender a posição da mulher frente ao relacionamento abusivo, entende-se que separação – muitas vezes não alcançada por essas

mulheres que persistem ainda que sob extremas consequências -, e a perda amorosa significaria estar à espreita da morte, tendo em vista que ambos estão em uma linha tênue. Isso possivelmente poderia servir como base para o entendimento do não separar-se de seus parceiros tendo em vista a angústia de morte que isso traria (JORGE, 2010).

Com essa argumentação baseada em observações clínicas, Ferenczi – lida com Lacan – acrescente um elemento precioso à elaboração freudiana sobre a pulsão de morte: o fato de que amor e o desejo do outro são responsáveis pelo desejo de viver e pelo florescimento, na criança, da pulsão de vida. Assim, aparentemente de modo paradoxal, é da pulsão de morte, por ação do amor e do desejo do outro, nasce a pulsão de vida (JORGE, 2010, p. 161).

Pode-se perceber que ainda que o “amor” dado pelo parceiro que viola a parceira seja algo agressivo – ademais ele também não se desvencilha desta parceira -, é algo que pode conotar a esta mulher um sentido de vida, por sentir-se como desejo do outro que também não consegue perceber-se sem ela (MIRANDA; RAMOS, 2014).

2.9.6 O amor e o feminino

Esta pesquisa visou abordar acerca de um tema que pertence ao momento atual, e é de fundamental importância abordar acerca do amor, tendo como base o século XXI, uma vez que o objetivo faz referência a uma forma de enlaçamento entre duas pessoas e suas configurações. Estas duas temáticas, o amor e o feminino, possuem algo em comum, que é o fato de ambas perpassarem pela questão da falta. A falta inscrita no sujeito advém de sua experiência do Complexo de Édipo, em que a mulher é percebida como castrada e o homem como alguém que deve preservar o que tem considerando a possibilidade da perda. Na ordem do imaginário, segundo Freud, a mulher é marcada pela incompletude. Em Lacan também está presente a perspectiva de que a mulher é faltante, porém diferentemente de Freud ele não parte pelo viés de termos anatômicos, mas pela via do significante, postulando que a posição feminina parte do constructo do gozo, um outro gozo que marca o Outro da inconsistência (EWERTON, 2013).

Lacan ainda diz que, de acordo com a função fálica, os sujeitos masculinos se inscreveriam completamente nesta, enquanto que os sujeitos femininos não se inscreveriam de forma completa. Bem como diz que a mulher não existe, haja vista a não existência de um significante que possa nomeá-la, fazendo-a constituir um todo,

o que não significa dizer que as mulheres e nem o seu lugar existam (EWERTON, 2013).

Em relação a forma como esta mulher – que é faltante – pode se apresentar ao homem amado, o mesmo diz que pode ser “como objeto causa de desejo de um homem; como semblante de objeto para a fantasia de um homem e como sintoma, que, como tal, entra em uma cadeia de repetição” (EWERTON, 2013, p.3).

As saídas desta incompletude, são vistas de formas distintas por Freud e Lacan, para o primeiro respectivamente, a saída que a faria sentir-se não mais como um a menos, seria o ter, ter um filho, e para o segundo seria pela via de ser, o ser o falo partindo do nada (EWERTON, 2013).

Freud formulou inicialmente acerca dos dois tipos de amor, o narcísico e o anaclítico, o primeiro faz referência a uma relação imaginária ($a = a'$) que não se consideraria as diferenças crendo na possibilidade de fusão entre os seres do enlaçamento, “em que se ama aquele que é igual a si” (EWERTON, 2013, p. 3). É o verdadeiro se fazer um só, ou seja, um amor simétrico, não constituindo um amor dito altruísta em que se quer o bem do amado, mas sim um amor dito egoísta, pois se quer que o outro o constitua, o complete, e que frente a qualquer circunstância desestabilizadora, este amor passa a constituir um ódio ($a \neq a$). Tal amor encobriria a falta, a castração, este um a menos que constitui a mulher (EWERTON, 2013).

Todavia o amor anaclítico, ainda para Freud, seria um tipo assimétrico, que surge nos momentos iniciais na vida da criança, em que o sujeito se apoia nos objetos que contribuem para sua sobrevivência, “como, por exemplo, a mãe que alimenta e o pai que protege” (EWERTON, 2013, p. 3).

Contudo, para Lacan o amor não surgiria para o homem e para a mulher frente ao velamento da castração, mas sim que para que este amor emergja e exista e necessário que se aceite a falta e que se é castrado (EWERTON, 2013). Ainda diz que “O amor é dar o que não se tem, e só se pode amar fazendo-se como se não se tivesse, mesmo que o tenha. O amor como resposta implica o domínio de não ter. Dar o que se tem é a festa, não é amor” (LACAN [1960-1961], 1992, p. 345).

Em mais uma articulação sobre o amor, Lacan diz que o amor é contingencial, decorre de um encontro imprevisto que é da ordem do real, quebrando então as coordenadas simbólicas e imaginárias que organizavam o sujeito⁸. Essas coordenadas, porém, se restabelecem, criando a ilusão da necessidade do

amor. Em outros termos: a ele é atribuída sua condição de destino (EWERTON, 2013, p. 4).

Ainda de acordo com Lacan, o mesmo diz que o amor desvela um caráter fetichista, ou seja, o homem idealiza a mulher revestindo-a com um brilho fálico, enquanto que para a mulher o amor é preenchido por um valor supremo, tornando-se condição de seu gozo, o que faz com que o amor e não o objeto seja o verdadeiro apego dela (EWERTON, 2013).

No que tange ao século XXI, o que será que constituiria as mudanças no amor? Como o que referencia este momento é o capitalismo, segundo Lacan, o mesmo contribui para a perda da dimensão do amor ao foracluir a castração, e o que ocupa este lugar desta dimensão é o consumir. Ao invés de amar, consome-se (EWERTON, 2013).

Nesse sentido, até mesmo a mulher, em determinadas situações, passa a ser objeto de consumo do homem contemporâneo. Quanto ao feminino no século XXI, a discussão gira em torno da queda do viril, cuja consequência é um mundo cada vez mais feminilizado (EWERTON, 2013, p. 5, grifo nosso).

Ao se dizer que o mundo está cada vez mais feminilizado, seria assertivo presumir pois, que está cada vez preenchido por uma falta?

Para Freud, o casamento não se torna seguro enquanto a mulher não torna seu marido na posição de seu filho e age com ele como mãe. Associando à persistência podemos indagar acerca dessa fala do autor no sentido de que essa esperança de que o marido mude e cesse com os abusos, é parecida com a esperança que uma mãe tem na melhora de seu filho. Para a mulher, ser amada é uma necessidade maior do que amar, no sentido de que ser mãe, implica no amor incondicional para que se possa receber o amor incondicional em contrapartida. Ainda que seja uma necessidade maior, não significa que não ocorra o contrário, amar além de ser amada (FREUD [1932-1936], 2006).

2.9.7 O lugar do desejo

Frente a realidade de inúmeros casos em que mulheres persistem em relacionamentos em que há mais desamor a amor, e mais violência – das inúmeras formas – a afeto, é de total importância que se questione e analise qual o lugar do desejo da mulher em continuar ocupando esta posição e tendo a concepção de que “Ruim com ele, pior sem ele” (SOUZA, 2011).

As históricas suscitaram em Freud algo que o acompanhou, que foi o desejo em compreender o que quer uma mulher. Visou entender o feminino e o sintoma, depreendendo que este dizia algo além, da ordem da sexualidade. Para Freud, é a inveja do pênis que determina o que abarca a feminilidade, este que tem como representante o falo, que ocupa esse lugar no simbólico (SOUZA, 2011).

O falo,

[...] é o significante particular que, no corpo dos significantes, especializa-se em designar o conjunto dos efeitos dos significantes, como tais, no significado. Isso vai longe, mas não há como ir menos longe para dar ao falo sua significação. Ele ocupa no desejo do Outro um lugar privilegiado no qual se produzirá significantes além do desejo (RODRIGUES, 2008, p.7).

Assim, a falta que é instaurada após a perda do primeiro objeto de satisfação, no simbólico, como nunca será suprida, torna ao sujeito a condição de desejar. Como já dito anteriormente, a mulher pode suprir essa falta com um filho. Com isto, Freud une de forma simbólica a mãe e a mulher. “Em sua própria travessia em direção ao feminino, a menina precisa superar sua inveja do pênis, afastando-se da masculinidade clitoridiana e de seu ‘pênis inferior’” (SOUZA, 2011, p. 86). Tal processo instaura na mulher uma ferida narcísica, que será determinante para sua escolha de um objeto amoroso, que comumente tende a ser por uma forma narcísica, ela ama ser amada por ele (SOUZA, 2011).

Deixa a mãe pelo pai e deste para outro homem que do pai se derive. Ama aquele que possui o que ela não tem. Somente este ser fálico se constitui capaz de realizar este desejo, mesmo que fantasiosamente. É nesse momento, frente ao Édipo, em que se vê castrada como a mãe e impelida a abandonar o objeto original de amor que ela representa, que ressurge na menina o ódio da separação do seio materno, que um dia precisou abandonar (SOUZA, 2011, p. 86).

Frente a esta impossibilidade de encontro com outro objeto que supra o primordial, como já dito, o sujeito traz para si as identificações com outros que demonstrem minimamente semelhanças com este, entretanto, algo de resquício fica no inconsciente desta relação com a mãe, como por exemplo, a própria responsabilidade de tê-la feito uma mulher (SOUZA, 2011).

Lacan avançou acerca das formulações freudianas, prosseguindo com a ideia de que a cerne da feminilidade está na relação da menina com a mãe. O sujeito independente do sexo, constitui uma falta, entretanto para além da falta simbólica a mulher lida com uma falta no real. Portanto o psiquismo feminino se constrói sob a ameaça da perda do amor, e que a mãe – que também é castrada, não consegue nomear essa falta

para sua filha. Esta falta condiz com fato de que se diz de um corpo que não possui o aparato simbólico de que precisa para constituir o seu sexo, tratando-se de uma verdadeira ausência que faz com que a mulher se utilize do amor como suplência e substituto deste falo, o qual busca no corpo do homem (SOUZA, 2011).

[...] e faz isso pelas vias do amor e de seus derivados. Assim, o feminino se constitui algo da ordem do inominável, não dito. Por esta razão, a mulher deseja ser amada por um homem que a nomeie enquanto mulher, que lhe conduza ao lugar do “outro” sexo, o feminino (SOUZA, 2011, p. 86).

A mulher possui uma relação com o falo em três momentos, ela é o falo, correspondendo ao significante do desejo masculino; ela ocupa o lugar de objeto-causa do desejo da fantasia masculina; e também faz o sintoma ao homem. Ao ocupar esta posição em relação a fantasia masculina, remete a um desejo, no qual a mulher busca a recuperação do gozo perdido ocupando um desses lugares na fantasia masculina, apresentando-se como objeto mais-de-gozar, que o homem torna em sua fantasia como um fetiche. Todavia a mulher busca no homem um objeto erotomaniaco, o que quer dizer que acredita ser amada por ele, e que constitui o seu gozo pois o que ela procura é saber que é amada pelo homem ainda que seja faltante. Como já dito, a mulher está sob a lógica fálica, porém de forma *nãotoda*. Ela não corresponde a um homem castrado, e muito menos a um homem invertido, mas possui um gozo exclusivo, um outro gozo que não pertence aos homens, tendo em vista que é um gozo para além do falo (SOUZA, 2011).

Freud postulou em “Uma criança é espancada” algumas questões referentes à sexualidade feminina que poderia ter influência na escolha de seus parceiros amorosos.

A fantasia se desdobra em três momentos, onde um adulto, identificado como o pai, bate numa criança, identificada como sendo, num determinado momento, aquele que fantasia. Conclusões podem ser elaboradas a partir desta fantasia masoquista: a menina se aproxima de uma posição masculina, identificando-se com o falo, num certo momento. Em outro, nota-se a presença inconsciente da violência na trama afetiva que envolve o amor edípico da menina, percebido por esta como fonte de gozo, unindo-a afetivamente ao pai (SOUZA, 2011, p. 87).

Ainda disse que o masoquismo seria uma das formas de expressão do ser da mulher, e essa forma de constituição faz uma substituição do gozo, com o ser espancado sob o ser amado. Lacan avança ao postular que o colocar-se como objeto do outro, faz uma referência ao desejo deste outro e não o do próprio sujeito. A diferença entre o lugar da masoquista em relação ao lugar da mulher condiz com o fato de que a primeira ocupa um lugar de depreciação de objeto frente o desejo do outro, enquanto

que a segunda respectivamente, “ocupa o lugar de objeto fálico na fantasia masculina” (SOUZA, p. 87, 2011). Para ser esse objeto, a mulher usa de quaisquer formas para gozar nessa fantasia, ainda que seja submetida há certas situações. “ [...] esta vida de concessões no encontro com o mundo masculino gera a mascarada masoquista na mulher. Ela se realiza por procuração do Outro” (SOUZA, 2011, p. 87).

2.9.8 Três formas da falta de objeto

Devido ao fato de que o parceiro tem para o sujeito um valor objetal, e que frente a um término de relacionamento, por exemplo, o mesmo vivencia a falta deste objeto, faz-se importante abordar acerca de como se pode experimentar essa falta (FRAGELLI; PETRI, 2004).

Lacan aborda acerca da constituição do sujeito advinda de sua relação com o objeto, ou melhor, com a falta dele. O objeto que para Freud é insubstituível, ou seja, para sempre perdido (FRAGELLI; PETRI, 2004)

“Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível já que precisamente não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo” (LACAN [1956-1957], 1995, p. 13). Caberá ao sujeito, lidar com a falta constituinte deste objeto perdido (FRAGELLI; PETRI, 2004).

Para discorrer sobre o sujeito e a falta de objeto, Lacan utilizou de três conceitos, que são eles: privação, frustração e castração. A privação teria como primeira referência a relação do bebê com a mãe e o primeiro objeto de satisfação, o alimento. O bebê na ausência do alimento, testemunhada pela fome, clamaria à mãe - já que não pode conduzir-se ao alimento - que traria para ele o leite para cessar seu desprazer. A mãe, que é *nãotoda* tendo em vista sua alternância entre presença e ausência, representaria o objeto de desejo que é de fato o alimento. Portanto, ela seria o objeto simbólico representante do objeto real, ao qual o bebê está privado (alimento). Para que esta privação seja apreendida faz-se necessário que se simbolize o real, tendo em vista que no momento da ausência, o objeto não se encontra. O agente da privação seria um pai imaginário, que faz referência a qualquer movimento que impede a mãe de cessar a insatisfação no mesmo momento (LACAN [1956-1957], 1995).

O segundo seria a frustração, que se referenciaria ao momento em que há incidência do pai imaginário, em que ocorre a falta. Antes desse momento, como já dito, a mãe é simbólica e agora passa a ser objeto real, pois ela que até então levava o objeto suposto de satisfazer. Neste momento, ela ganha grande potência e a criança se submete a uma dependência aterrorizadora frente a ela, já que ela possui os objetos de dom simbólico (alimento), que faz jus ao símbolo do amor. “Para um objeto ser símbolo do amor deve estar necessariamente relacionado a falta” (FRAGELLI; PETRI, 2004, p.123). O objeto então deixa de ser real e passa a ser simbólico (LACAN [1956-1957], 1995).

Como a criança é preenchida por uma dependência avassaladora por esta mãe que dota esses objetos, ela oferece a si mesma como objeto para que não perca os objetos de satisfação fornecidos por esta (FRAGELLI; PETRI, 2004).

O terceiro e último momento seria a castração, que se configuraria pelo pai real que entraria em cena para irromper com o desejo insaciável dessa mãe, interditando, pois, o incesto. Algo que marcaria mais uma falta.

A partir da incidência da operação simbólica da função paterna, o falo, objeto imaginário da dialética da frustração, é elevado ao estatuto de objeto simbólico e pode, então, ser buscado tanto pelo menino como pela menina. Depois dessa operação de castração, a criança sai marcada em relação ao falo, com um sinal de mais ou de menos [...] Mas o que importa é que está marcada por ele e isso é o que vai vetorizar suas buscas posteriores. O falo é a moeda principal que possibilitará as futuras trocas da criança com o Outro (FRAGELLI; PETRI, 2004, p.126).

A incidência do pai real, que faz o sujeito passar da frustração à castração, vem introduzir a falta simbólica de um objeto imaginário, que é o falo. Que diz ao sujeito que apesar de colocar outros objetos no lugar, não poderão preencher o vazio instaurado pela falta deste objeto. E a partir daí o sujeito faz as substituições deste objeto que estará para sempre, perdido (LACAN [1956-1957], 1995).

A partir desse momento de virada, o objeto não é mais o objeto imaginário com o qual um Outro é sempre capaz de mostrar que o sujeito não o tem, ou o tem de forma insuficiente. Se a castração exerce esse papel essencial para toda a continuação do desenvolvimento, é porque ela é necessária à assunção do falo materno como um objeto simbólico. Somente a partir do fato de que, na experiência edipiana essencial, ela está privada do objeto por aquele que o tem, que sabe que o tem, que o tem sem todas as ocasiões, é que a criança pode conceber que esse mesmo objeto simbólico lhe será dado um dia” (LACAN [1956-1957], 1995, p. 213).

Para a constituição do sujeito é de total importância que haja a transmissão da falta, pois é próprio do humano que haja o desejo – que só pode existir com a falta – que

promove a satisfação pulsional, consoante a impossibilidade de satisfação com o objeto propriamente dito (FRAGELLI; PETRI, 2004).

2.9.9 Melancolia e Narcisismo

Freud postulou que a melancolia teria algo em comum com o luto, que seria o fato de ambos estarem relacionados com a perda do objeto, todavia o luto seria a perda do objeto no real. Com esta perda, a libido até então direcionada ao objeto, com o tempo, deveria procurar outro como substituto para catexizar. Tal processo condiz com a realização do luto – que não é patológico -, entretanto a perda de um objeto pode ter como destino, a melancolia (CLARA, 2007).

O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível — é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena (FREUD [1914-1916], 1996, p.143).

Entre o luto e a melancolia, algo que denotaria a diferença seria que o segundo respectivamente teria como característica sentimentos de diminuição da autoestima. E é essa a característica que infere à melancolia, os sentimentos de autopunição em que o sujeito se enxerga como alguém com baixo valor, bem como dotado por uma incapacidade marcante (CLARA, 2007). Contudo, ambos partilhariam de características semelhantes como, por exemplo, “um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade [...]” (FREUD [1914-1916], 1996, p. 143).

O abandonar o objeto, para o sujeito, é algo custoso e penoso, considerando que este tem para si um valor significante, pois, dele se tira satisfação. Por isso é necessário certo tempo, como dito anteriormente, para que o sujeito se desvencilhe de fato do objeto e invista em outro. Este processo, no luto, é permeado pelas lembranças, no sentido de que a energia perdida – até então depositada no objeto – é envolta pelas lembranças que ficaram no sujeito. Tal investimento energético nas lembranças desemboca no sujeito o sentimento de desprazer, e, por conseguinte ocasiona em um processo de descarga dessa energia, que atrelada ao desenrolar do luto, permitirá ao sujeito um novo investimento em um objeto real, ocasionando uma nova ligação

pulsional. A lembrança do objeto perdido permanece, entretanto o que muda é que o investimento libidinal já não será mais direcionado a este (CLARA, 2007).

O processo de luto só consegue elaborar-se devido ao sujeito reconhecer que o objeto é *nãotodo*, algo que não ocorre na melancolia já que o objeto é absolutamente completo. Tal reconhecimento permite que se consiga direcionar a libido em outro que não este. Neste processo, é mais fácil de identificar o que causa o sofrimento, posto que o objeto foi perdido, morreu, e isto no real. Entretanto na melancolia não se sabe o que se perdeu com o objeto, ainda que se tenha a noção de que o perdeu (FREUD [1914-1916], 1996).

Freud percebeu que o sujeito melancólico, ao se autodepreciar e autopunir, está na verdade querendo punir outrem. Essa depreciação não é direcionada a si, mas a algum outro que o sujeito amou, ou ama, ainda que seja a si que ele lance essas punições. Ele diz de outro, porém diz para si. Entretanto o sujeito não o sabe. O autor exemplifica a questão ao dizer que a esposa que lamenta imensamente por ser incapaz para o seu marido, está acusando seu marido de ser incapaz, ou seja, diz para si visando afetar o outro (FREUD [1914-1916], 1996).

Precisamente é isto que faz com que o indivíduo melancólico não sinta vergonha ao lançar sobre si inúmeras ofensas, pois ainda que não esteja ciente disso, não é especificamente para si que o faz, mas para o Outro. Fica a questão de qual é esse movimento em que o sujeito se confunde e se funde com o objeto. E isso só ocorre pois faz com que o sujeito ainda esteja ligado ao objeto (CLARA, 2007).

Ao afirmar que o investimento antes dirigido para o objeto se volta para o eu e que esse retorno serve para estabelecer uma identificação do eu com o objeto, Freud esclarece que o objeto já incorporado passa a atrair para si os investimentos de energias provenientes de todas as direções, deixando o eu (ou uma outra parte desse eu) totalmente empobrecido. O objeto incorporado se torna tão excessivo e tão investido que o próprio eu não se reconhece mais e se perde, tornando-se, pois, o próprio objeto (CLARA, 2007, p. 137).

Esse movimento que o sujeito faz de incorporar o objeto, é feito para que o mesmo se mantenha – ilusoriamente – ligado a ele, para que não esteja frente ao desamparo causado pela ausência. Entretanto, ainda que se tente evitar essa dor do desamparo, o sujeito lança para si essa dor de forma avassaladora. Esse outro que foi/é amado e odiado por ele, e então se agride no anseio de agredir o objeto por culpa-lo de tê-lo abandonado. Há uma ambivalência entre o amor e ódio – que já existia para com objeto antes da perda – dentro do próprio sujeito para consigo mesmo, devido ao fato

de que o ódio visa retirar o objeto enquanto o amor, conservar. Com isso, o sujeito se satisfaz por descarregar seu ódio contra o objeto, entretanto sofre, pois é ele quem recebe parte desse ataque. Assim, o sadismo e o masoquismo acabam por adentrar na melancolia. “Sofrer e se punir pelos ataques é o mesmo que colocar em evidência o amor que o eu ainda nutre pelo objeto. Amar é vivenciar uma dor pelo outro que o eu mesmo se põe a sentir” (CLARA, 2007, p. 137).

Freud concluiu que para além desse teor sádico e masoquista, na melancolia também se encontra um teor narcísico no que tange a escolha do objeto, pois este só se mantém no psiquismo consoante ao amor narcísico que o sujeito nutre por si.

Freud, ao inserir a identificação com o objeto no contexto geral da melancolia, fala da predominância de um tipo de escolha objetal nessa afecção que se realiza sobre uma base narcísica, sendo a finalidade e a satisfação nessa escolha apenas o “ser amado” (CLARA, 2007, p. 139).

A psicanálise vê o narcisismo como o movimento em que o sujeito se coloca como próprio objeto de amor. Portanto, na escolha objetal melancólica o sujeito define como objeto de amor um outro que na verdade representa a si mesmo. A energia diferentemente do luto, que é direcionada para a lembrança, visa fundir o sujeito com o objeto. Essa eleição objetal narcísica visa que o sujeito sustente sua própria imagem, que possivelmente não foi bem elaborada em suas primeiras identificações, e assim, que represente aquilo que falta em si. Visa-se encobrir uma ferida narcísica, tentando também curar-se. A perda do objeto dá a sensação ao sujeito de que ele está incompleto e isto explica a tentativa de fusão com objeto, pois perder este significa perder a si mesmo, que pelo processo de identificação viu-se algo no objeto que lhe remetesse (FREUD [1914-1916], 1996).

Antes do nascimento do ser, ele já é habitado pelo outro. É o outro que o nomeia, bem como dá sentido aos seus sentimentos e necessidades, e são essas primeiras relações e identificações que definirão a forma como o sujeito dará sentido as suas próximas relações. “Não há um eu sem um outro e não há um outro sem um eu” (CLARA, 2007, p. 143). O melancólico se constitui em cima desse outro e:

Desse modo, é por amor próprio que, na melancolia, o eu se protegeria da perda do outro incorporando-o, pois se é ele quem cura, completa e pode representar a unidade do eu, mantê-lo “vivo” no psiquismo é a única possibilidade de se evitar mais danos de sua perda na “realidade”, de se evitar mais sofrimento e a própria desintegração do eu (CLARA, 2007, p. 144).

Este outro, que existe como objeto, vem para curar o sujeito de sua ferida narcísica, no intuito de fazer com que este sint-se completo, constituindo sua imagem corporal.

Como este objeto lhe é constituinte, inclusive para sua identidade, o sujeito evita a dor e o sofrimento tendo posse deste e com isso retira a possibilidade de reconhecer a sua identidade por si. O objeto é o seu eu ideal, e com isso teme perdê-lo, e apropria-se dele, tornando-o como se fossem uma coisa só. O que evita um encontro consigo mesmo em sua própria alteridade, bem como evita-se deparar-se com sua finitude e com a castração (CLARA, 2007). Tal perda denota grande sofrimento devido a esta importância dita, como diz Freud [1914-1919] (1996, p. 151) “Se o objeto não possui uma tão grande importância para o ego — importância reforçada por mil elos —, então também sua perda não será suficiente para provocar quer o luto, quer a melancolia”.

2.9.10 Pulsões

A primeira vez que Freud utilizou do termo pulsão, foi na primeira versão dos “Três ensaios sobre a sexualidade”, em 1910, e delimitou este dizendo que seria uma delimitação entre o somático e o psíquico, não sendo um instinto sexual, mas “[...] um impulso do qual a libido constitui energia” (EIZIRIK, 2009, p. 163). Além disso, considerou-a como uma “representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas” (EIZIRIK, 2009, p. 163).

A pulsão sexual não existe como tal, mas assume a forma de um conjunto de pulsões parciais, as quais é importante não confundir com as pulsões classificadas por categoria. A natureza sexual das pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil, define-se, num primeiro momento, por um processo de apoio em outras atividades somáticas, ligadas a zonas específicas do corpo, as quais, dessa maneira, adquirem estatuto de zonas erógenas (EIZIRIK, 2009, p. 163).

Pode-se exemplificar a questão, com a satisfação da necessidade do bebê de ser amamentado, onde sua fonte de prazer delimita-se pelo sugar através dos lábios – a zona erógena – que é de onde advém a pulsão parcial. Posteriormente, com a separação do objeto, a pulsão torna-se autônoma, passando a se processar de uma forma autoerótica, modo que servira de base para a estruturação do narcisismo primário (EIZIRIK, 2009).

Posteriormente, Freud distingue a pulsão em duas: as sexuais, em que a energia é libidinal e as de autoconservação, que visa a conservação do sujeito. Diante disso, as ditas sexuais, são regidas pelo princípio do prazer, enquanto que as de conservação são regidas pelo princípio reconhecido como de realidade (EIZIRIK, 2009).

Em 1914, o conceito de narcisismo subverteu esse dualismo. A partir de suas próprias observações sobre as psicoses e da leitura dos trabalhos de Bleuler, Abraham e Kraepelin, Freud constatou que nessas expressões patológicas estamos na presença de uma retirada da libido dos objetos externos e de uma reversão dessa libido para o ego, que assim se transforma, ele próprio, em objeto de amor. Essa reformulação, portanto, consistiu numa redistribuição das pulsões sexuais, por um lado colocadas no ego – daí a denominação libido do ego (ou libido narcísica) – e, por outro, nos objetos externos, portanto, a denominação libido objetal (EIZIRIK, 2009, p.163).

Em “Além do Princípio do Prazer” (1920), Freud formula por mais uma vez o conceito das pulsões, definindo-as então em: de morte e de vida. Estas se contrapõem entre si, sendo a primeira, respectivamente, a tendência de destruição vital, no intuito de cessar as tensões retornando a um estado inorgânico, tendo um carácter regressivo. Enquanto a segunda, visa para além da conservação do ser, constituí-las em unidades globalizantes, tentando mantê-las, possuindo um carácter construtivo (EIZIRIK, 2009).

Foi ao perceber a compulsão à repetição, que Freud pensou em teorizar o que nomeou por pulsão de morte, tal qual difícil de exercer controle, dada sua origem inconsciente. Esta compulsão conduz o sujeito a colocar-se em situações dolorosas de forma repetida, e tal processo não é explicado puramente pelo princípio do prazer, ainda que possa haver algum vestígio de satisfação da libido (EIRIZIK, 2009).

O amor é uma das instâncias que pode ser atravessada pela pulsão de morte, conduzindo ao amor devastação, já dito anteriormente (SLONGO, 2012).

2.9.11 Os quatro discursos e o laço social

Lacan, no seminário 17, abordou acerca dos quatro discursos. Para ele, os laços sociais elaboram-se por meio da linguagem, configurando os discursos. Diante disso, desenvolveu quatro modos de vínculo social, que são “[...] o discurso do mestre, universitário, da histérica e do analista [...]” (COELHO, 2006, p. 108). Pautou-se em Freud e suas falas, acerca das quatro formas de relacionamento que serviriam para o homem como instâncias de origem de sofrimento, que são o “[...] governar, educar, analisar e fazer desejar” (COELHO, 2006, p. 108).

Para além desses quatro, Lacan abordou acerca do quinto discurso, o do capitalista, que não se define como um novo discurso, mas uma forma contemporânea que parte do discurso do mestre. Os discursos se fundariam da estrutura significante, formando-se, por uma estrutura sem palavra, e são estes que fundam o laço (COELHO, 2006).

Os discursos nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele (LACAN, 1992, p. 158).

O discurso se define quanto a posição bem como quanto ao termo, sendo a primeira, respectivamente, permanente. Há a posição do agente, que é quem organiza e domina o laço, e a do outro, que é para quem é dirigido o discurso. Este se constitui a partir do agente. O que sustenta o discurso é a verdade, que não é dita num todo. E a produção se configura como o efeito do discurso. Diante disso, ocorre uma interdição entre ambas. Os termos, pois:

[...] embora apareçam numa sequência fixa, ocupam alternadamente cada uma das posições estruturais. São eles:

S1: o significante mestre, que representa o sujeito como atravessado e determinado pela ação significante. É a condição da articulação da cadeia, estando, de alguma forma, fora dela. É um significante vazio de significação; S2: o saber, o significante ante o qual S1 representa o sujeito e em concatenação com o qual se estrutura a cadeia mínima para a significação. A psicanálise é o descobrimento de um saber que não se sabe – o inconsciente – cuja articulação é a do S2.

a : objeto “a”, causa de desejo ou mais-de-gozar.

\$: o sujeito marcado pela barra, deixando aberta a possibilidade de vir a ser. O sujeito é, para Lacan, esvaziado de toda substância (COELHO, 2006, p.110).

O discurso do mestre (APÊNDICE F) interdita a junção entre sujeito e objeto, o que o coloca na posição de cego. Lacan coloca como o mestre o S1, nomeando-o de “senhor”, e este se sustenta no mito de que é igual ao significante. Entretanto, este é castrado, e esta é a sua verdade. Como S2, designa-se o saber, nomeado por escravo. Da relação entre estes, emerge o gozo, e o escravo está ciente de que o senhor é castrado (COELHO, 2009).

No discurso universitário (APÊNDICE F), o saber é dominante. O a (objeto de gozo) representa-se pelo estudante “[...] que causado pelo desejo, realiza o trabalho de escrever, sendo explorado pelo discurso universitário” (COELHO, 2006, p. 112). A produção da universidade, corresponde-se ao \$, que condiz com um sujeito incompleto, que pode vir a ser. O S1 ocupa a posição da verdade, que não cessa que se busca o saber incessantemente (COELHO, 2009).

Acerca do discurso do analista (APÊNDICE F):

O agente, no discurso do analista, é o desejo inconsciente, um questionamento dos significantes mestres. A posição do analista é feita substancialmente do objeto “a”, causa de desejo, a partir do qual é possível a associação livre; assim, “o analista se faz causa do desejo do analisante” (LACAN, 1992, p. 36). O saber inconsciente (S2) ocupa, no discurso do analista, o lugar da verdade. E estando no lugar da verdade, é um enigma,

um dito pela metade. Segundo Serge André (1986), o saber como se decifra do inconsciente, assegurando a pertinência da intervenção analítica. É preciso entender que, para a psicanálise, não é possível saber tudo, pois o inconsciente é o “não todo”. O produto desse discurso será o S1 (COELHO, 2006, p. 113)

Diante disto, este discurso é o oposto do discurso do mestre, já que não visa, com o saber, a dominação. Por isso diz-se que o discurso do mestre se configura como o avesso da psicanálise, pois este visa dominar através do saber (COELHO, 2006).

E por fim, o discurso da histérica (APÊNDICE F), que possui extrema importância para a teoria psicanalítica, diante do fato de que foi através da escuta deste que Freud criou a psicanálise com o advento do inconsciente. O S2 (o saber) encontra-se no lugar de produção, e possui como posição o \$, ou seja, pode vir a ser, enquanto seu sintoma encontra-se na posição de dominante e necessita de interpretação. Ela sabe da falta que a constitui e tenta – de forma incessante – preenche-la. E com esse fim, toma alguém como mestre “[...] com quem supostamente detém o significante mestre” (COELHO, 2006, p. 113). Além disso, o objeto “a”, de gozo, encontra-se no lugar de verdade. “Sua verdade é que precisa ser objeto a para ser desejada” (LACAN, 1992, p. 167). Lacan, ao responder à questão acerca do que a histérica quer, diz ser, um mestre (COELHO, 2009).

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamento da Pesquisa

Com o intuito de compreender o fenômeno e suas variáveis e não a quantidade, esta pesquisa foi de ordem qualitativa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Além disso, utilizou-se como delineamento o estudo de caso tendo em vista que a teoria de análise e interpretação de dados tenha sido a Psicanalítica (GIL, 2009).

O estudo de caso se configura por ser uma análise mais profunda acerca do objeto estudado, sendo assim, composto por uma gama de detalhes maior aos outros tipos de delineamento. Este se compromete a estudar certo fenômeno da atualidade dentro de seu próprio contexto, e permite explorar, descrever e explicar o mesmo, ainda que as fronteiras entre si não estejam bem definidas, além de complexas (GIL, 2009)

Como o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a relação entre duas variáveis, ou seja, estruturas inconscientes e a persistência das mulheres jovens em namoros abusivos, a mesma foi de origem descritiva devido ao fato da mesma propiciar a verificação desta relação (GIL, 2008). A pesquisa descritiva é bastante viável quando o delineamento se restringe ao estudo de caso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

3.2 Participantes

A amostra utilizada foi por acessibilidade ou conveniência, tendo em vista que o pesquisador seleciona os participantes que considera contribuintes e possíveis de representar o universo. Devido a isto, as mesmas foram selecionadas em meio a uma variedade de mulheres indicadas por conhecidos da autora (GIL, 2009)

Este estudo utilizou como amostra para a realização da pesquisa, duas mulheres jovens uma com idade de 29 anos e outra de 23 anos, que vivenciaram namoros heterossexuais abusivos.

Jovens, devido ao fato de que há uma grande incidência de casos de violência que permeia esta faixa etária (MARQUES, 2005). Namoro, tendo em vista que seja um relacionamento com menos seriedade a um casamento, o que possibilitaria, geralmente, uma maior facilidade de término (MARQUES, 2005). E por fim,

heterossexuais devido ao fato de que, ainda que haja abuso em relacionamentos homoafetivos, a cultura patriarcal aliada à idealização do amor romântico, reforçam a presença de abuso em relacionamentos entre homem e mulher (ARAÚJO, 2008)

3.3 Instrumentos de Coleta

O instrumento de coleta escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi a Entrevista Semiestruturada, considerando que a mesma contém perguntas primordialmente elaboradas, mas que há uma liberdade ao participante de poder dissertar com mais abrangência acerca do assunto (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Tal entrevista foi estruturada de forma que se conseguisse obter informações acerca da infância bem como as relações intra e interpessoais, para que se capturasse algumas falas que pudessem remeter ao inconsciente e suas estruturas. Além disso, temas que remeteram ao relacionamento abusivo que as participantes vivenciaram, desde o início ao término, visando também associar às possíveis estruturas inconscientes. Contudo, as participantes tiveram liberdade de dizer além do que lhes for perguntando, possibilitando uma análise de questões além das que foram propostas.

3.4 Procedimentos

Houve a escolha das participantes que se enquadrassem na amostra escolhida para a pesquisa, ou seja, mulheres de idade entre 18 e 29 anos que vivenciaram namoros abusivos. Dentre estas, escolheu-se uma de 23, e outra de 29 anos. Em seguida, realizou-se a entrevista (APÊNDICE C) de acordo com os objetivos, que visavam abordar questões acerca de como se sucedeu o relacionamento, abordando aspectos do início ao fim do mesmo, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE D). A entrevista foi gravada e transcrita para que pudesse estudar as falas das participantes. Este estudo buscou atrelar as falas às possíveis estruturas inconscientes, usando a Teoria Psicanalítica. E por fim, elaborou-se a discussão dos resultados.

3.5 Estratégias de Análise

Como a pesquisa foi de ordem qualitativa, a estratégia escolhida foi a análise do discurso, o que condiz também com a linha teórica utilizada, a Psicanálise. Tal qual, prioriza a fala do sujeito como significante no que diz respeito aos dados coletados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A análise do discurso propõe que o foco seja o sentido que o sujeito utiliza o seu discurso para além do conteúdo do mesmo. Considera-se que a linguagem não seja de total transparência, mas que se configura por opaca, pois revela além do que se diz de fato (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Como a teoria de análise foi a Psicanálise, as falas das participantes foram associadas às estruturas inconscientes para que se compreendesse a relação entre si. Para isto, foram utilizadas as obras de Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), os principais autores que abordaram acerca do Inconsciente, e suas obras são de fundamental importância para a Psicanálise. Além disso, utilizou-se de outras obras de autores que se embasaram nos pensadores citados acima.

3.6 Aspectos Éticos

A pesquisa contou com a participação voluntária, de duas mulheres e a coleta dos dados foi realizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorização da referida instituição.

Toda a informação obtida foi de uso exclusivo para fins acadêmicos, e em hipótese alguma, divulgou-se a identidade das participantes, assegurando o sigilo dos dados fornecidos por estas.

As participantes ficaram livres para obter quaisquer informações e esclarecimentos sobre todos os procedimentos para realização da pesquisa e formas de divulgação dos resultados, além de livres para recusar a participação ou não consentir em qualquer momento da pesquisa, sem danos ao atendimento usual, fornecidos pela pesquisadora.

Ademais, quaisquer desconfortos das participantes puderam ser relatados e tiveram todo apoio necessário frente ao mesmo, tendo total disponibilidade para se recuperar antes de dar continuidade à entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CASOS

Esta pesquisa contou com a participação de duas mulheres jovens que haviam passado por namoros considerados abusivos, identificadas por nomes fictícios ao longo da análise dos dados, uma delas com a idade de 23 anos, Cláudia; e a outra de 29 anos, Júlia. Não se teve como objetivo analisar esses dados a fim de categorizar essas mulheres, muito menos diagnosticá-las. O único intuito foi o de compreender o que há de inconsciente que permeia o imaginário delas, na situação de persistir em um relacionamento preenchido pelo desamor, ao considerar o amor estabelecido pelos preceitos sociais, posto que para elas, a relação envolve um amor inigualável e incondicional. Parte-se do pressuposto, pois, de que cada inconsciente se configura de uma forma, e o sujeito se rearranja como pode para lidar com seu sintoma, o que faz com que, não seja possível uma categorização precisa acerca de características que estas mulheres partilham. Como Freud deu ênfase, cada caso deve ser visto, como se o sujeito que escuta – em processo analítico, o analista – jamais tivesse escutado algo parecido (MACEDO et al., 2005). Frente a isso, segue as histórias das participantes.

Júlia teve apenas um namoro que considerou como abusivo, com a duração de cinco anos, estes, intensos e preenchidos por momentos de grande tensão. Brigas constantes que envolviam por parte do parceiro: agressões físicas e verbais, cenas de ciúmes exagerados, ameaça de esfaqueamento e morte, intenção de afastá-la de familiares e amigos, controle intenso de atitudes além de manipulação.

Cláudia passou por dois namoros que considerou como abusivos, entretanto um deles - mais recente e menos duradouro (quatro meses) -, diz ter sido de menos intensidade por ter agressão verbal em brigas que ocorriam de forma recorrente, enquanto que o outro - que teve seu término há mais de quatro anos -, foi mais intenso, por envolver por parte do parceiro: controle devido aos ciúmes exagerados e sem sentido, brigas constantes, dominação, ameaças do parceiro contra a própria vida caso ela terminasse com ele, manipulação além de tentar afastá-la de pessoas próximas. Tal relacionamento teve duração de um ano e cinco meses, em que os cinco últimos meses eles moravam na mesma casa por conta do pai do mesmo ter falecido, e ela

ter optado por ir para o estado dele – Rio Grande do Sul – para dar apoio. Moravam ela, ele e a mãe dele com quem a participante disse ter tido muita dificuldade de convivência.

A mesma disse que conheceu o rapaz, em um jogo na internet, logo após o seu pai ter falecido, e ela ter se viciado em jogos online, alegando que “tava numa fase meio chata da minha vida”. O namoro, nos momentos iniciais, foi mais virtual do que real, e nesse intervalo de tempo, se viram por duas vezes. Entretanto, o pai do rapaz teve um Acidente Vascular Cerebral, e Cláudia se prontificou de ir para o Rio Grande do Sul para dar apoio ao até então namorado. Morou com ele durante 5 meses, porém já estavam namorando há um ano. No período em que sobressaiu o virtual, eles diziam realmente que estavam namorando, e ele já demonstrava certos ciúmes. Como disse Cláudia (2016),

É por que ele... não curtia que eu conversava com... que eu conversasse com... assim... o jogo online a gente usa um negócio que é... um programa que você conversa virtualmente [...] conversa por voz com as pessoas [...] ele meio que ficava meio bolado por eu conversar com homens, tanto que eu perdi muitas amizades virtuais por causa dela, e a gente conversava em constante tempo, sabe?

Diante disso, ela acabava por pedir desculpas, após as brigas, por conversar com os amigos, dizendo que estava realmente errada, e com isso as coisas “voltavam ao normal”. Para ela isto era abusivo, ainda que antes não fosse, pois disse que ainda que fossem pessoas virtuais, era algo que ela gostava de fazer e ele “arrancou” dela.

Quando o relacionamento se tornou algo real, e não mais, apenas virtual, ela disse que “Na primeira semana foi um conto de fadas... mas o negócio começou a ficar ruim [...]”. Logo que ela foi para o estado dele, o pai do mesmo veio a falecer, e moraram ela, a mãe e o rapaz, em uma casa localizada no interior, bastante afastada da cidade, e inclusive as casas vizinhas ficavam um pouco distantes. Ainda que eles estivessem morando na mesma casa, ela disse que eles não tinham vida social, mas sim vida virtual, pois jogavam durante todos os períodos do dia, e quase não saiam de casa, já que ele não gostava. E quando saiam, ele demonstrava bastante ciúmes.

[...] inclusive quando a gente saia na rua... lá era frio né?! Poxa... ai quando a gente saia na rua... eu saia com uma calça, uma blusa que tapava minha bunda quase que até o joelho, no caso, o sobretudo, usava touca, luva, cachecol, toda tapada e (risos) ele andava atrás de mim abaixando a blusa como se eu tivesse mostrando a bunda sabe?! [...] quando a gente tava andando na rua... do outro lado da rua tinha um cara, e esse cara olhou pra atravessar, e ele disse que esse cara tava olhando pra mim (risos)... e ele disse que EU estava olhando pra ele, como se eu tivesse tido algum interesse... e ... (risos) a gente acabou brigando (CLÁUDIA, 2016).

Ela disse também, que o rapaz lhe submetia a coisas que não eram de seu agrado. Bem como enfatizou a dificuldade de convivência com a mãe dele, em casa, já que ela a olhava com cara de “nojo” e a perseguia o tempo todo por supor que iria roubar algo da casa.

Além disso, disse que com a perda de contato com os amigos – que ela sentia bastante falta – alguns amigos supunham, inclusive, que ela tivesse “morrido”. Teve que quebrar o chip do celular, e ela achava normal, por pensar que era “ciumezinho”. Houve um período em que ele a afastou também de sua mãe, devido ao fato de sentir ciúmes. Bem como tentou fazer com que ela tivesse raiva do irmão, pois este, tinha envolvimento com drogas, e por isso, o pai ter falecido. Assim, ela acabou se afastando da família, ainda que ligasse as vezes pelo telefone.

A participante relatou que caso ela insinuasse qualquer coisa que remetesse ao término do relacionamento, o ex-parceiro ficava transtornado.

[...] ele dava a louca, ele é ex militar, então ele tinha um cofre, dentro do quarto, e... do nosso quarto né?!... e... tinha o entorno de umas doze armas lá, então... quando a gente brigava, e eu insinuava algumas coisa desse tipo... ele entrava dentro do quarto, pegava as pistolas, saía falando que ia se matar... “ah que eu vou me matar, e que num sei o que” era sempre assim cara... (CLÁUDIA, 2016).

Disse que ela tinha que ir atrás dele nesses momentos, pois ele “descia lá pra mata” e ela sentia medo de algo acontecer, bem como a mãe dele, culpá-la. Disse que ele dramatizava totalmente a situação, e que no final era ela quem se redimia e pedia desculpas, para que a situação se findasse.

Após as brigas ela disse que “ele mudava da água pro vinho”, e que muitas das vezes, após a briga, eles tinham relação sexual, ainda que ela não quisesse. Caso ela demonstrasse não querer seria motivo para outra briga, no entanto, ela preferia se submeter a isso a brigar novamente.

Passado um tempo, a mãe e o irmão da participante foram para o estado em que a mesma estava residindo, no intuito de morar perto, entretanto ficaram um tempo na casa do rapaz. E este momento foi marcado por grande turbulência posto que o ex-parceiro brigava bastante com o irmão dela, bem como queria “dar lição de moral” em sua mãe. Foi neste momento, que Cláudia disse ter começado a deixar de gostar do mesmo.

Até que a mãe conseguiu arrumar uma casa próxima, e a participante se viu possibilitada de sair de perto do ex-parceiro. Então foi para a casa da mãe, alegando que ia apenas passar uns dias, entretanto, por algum motivo que não soube delimitar qual, sentiu falta do rapaz e voltou para casa.

Duas situações marcaram Cláudia de forma significativa. Uma delas foi quando o rapaz queria ter relação sexual, entretanto ela não queria, pois no momento recordou de algo que aconteceu na adolescência em que um pai de uma amiga tentou agarrá-la a força. E com isto, demonstrou pouca vontade de fazer o ato, pois o ex-parceiro queria, inclusive, sexo anal com a participante. O que fez ela lembrar da situação dita, e parar a relação na hora. Diante disso, o rapaz a indagou “VOCÊ JÁ FOI ABUSADA?”. E a participante sentiu-se totalmente constrangida, alegando que ele estava fazendo isso, então a pergunta foi extremamente invasiva. A outra situação, foi que em uma briga, ele virou com muita raiva e “tacou um pano de prato” em cima dela, e quando ela olhou em volta só tinha isso perto dele, o que a fez pensar que se tivesse qualquer outra coisa, ele tacaria, e poderia ser algo mais pesado ou afiado.

Disse que o maior abuso dele era pressioná-la psicologicamente, dizendo que ia se matar. E após as brigas ficava tudo bem e sempre “rolava sexo”. Sentia-se extremamente triste e com raiva por não conseguir mudá-lo. E além disso, sentia-se frustrada, pois também não conseguia conversar sobre o que acontecia.

A participante disse também que “Simplesmente eu me tornei obsessiva por ele também... E essa esperança, que eu criei na minha cabeça de que ele fosse mudar, e de que talvez dessa vez fosse ser diferente”. Diante disso disse que pensava que não imaginava separar-se dele, pois alegava que “não existia mais ninguém pra mim”.

Não conseguiu identificar uma briga que tenha sido a maior, por considerar que todas eram absolutamente intensas. Disse que o fato de ele tentar se sobressair sob a mãe dela e o fato de ela não querer o sexo, e ter de fazer, foram os principais motivos por ter saído da situação.

O segundo relacionamento abusivo que vivenciou, foi menos duradouro e menos intenso. Entretanto disse que havia inúmeras brigas, e ele a fazia sentir-se totalmente incapaz, e disse que por algum motivo que também não sabe, gosta dele. Alegou ter receio de ficar sozinha, e por querer agradar, acabava se submetendo a certas coisas para agradar as pessoas.

Já a participante Júlia, nas primeiras agressões sofridas, no namoro, pensou que o parceiro a estava agredindo por conta da abstinência das drogas, disse que **“ele ficava me sugando pra não usar drogas”** (grifo nosso). Disse já conhecer a história dele antes mesmo de começarem a se relacionar, pois o via jogado na rua, muitas vezes, e pensava o porquê de ele ser assim ainda que sua mãe fizesse tudo por ele. A primeira agressão ocorreu com quatro meses de namoro e a briga teve seu início pois ele alegou que em um show que foram, ela estava “dando mole” para um outro rapaz. Neste episódio ele deu um puxão em seu braço. Após isso ele começou com as agressões verbais, inclusive reclamando do emprego dela, que seria devido ao intenso ciúme da relação dela para com os clientes por mais profissional que fosse. Nas brigas ele não permitia que ela fosse para a casa dela, insistia para que fosse para a dele. Além disso, compartilhou que o colocava na frente de “tudo”, e ter sido um relacionamento “muito doido” onde ela teve muitas oportunidades de sair, mas não saiu por imaginar que ele fosse mudar.

Ele forçava... porque o que que acontece... **eu ficava com medo de ele fazer alguma coisa comigo... o medo dele deixar eu aqui em casa, dele me deixar em casa e sair pra usar droga, porque ele usava isso como desculpa “se você não for comigo eu vou ..pra ... me drogar”** “então você tem que ir” ... “e se você não for é porque você não gosta de mim, é porque você não me ama” (JÚLIA, 2016, grifo nosso).

Considerava que as agressões verbais e físicas eram por conta das drogas, e que ele não faria de novo, só o fez “porque estava muito doido”. Disse que todas as vezes que aconteciam esses episódios ele a presenteava posteriormente. “era uma agressão, era um presente, uma agressão, um presente... ai mandou flores mandou cartão, mandava sempre uma coisinha pra poder quebrar aquela... aquela coisa, aquela doideira que ele fez”.

Em um dos episódios, o qual Júlia considerou a maior briga, ele a acusou de ter ficado com o irmão dele devido ao fato de ela ter ido com este buscar uma amiga na rodoviária já que o próprio não quis acompanhá-la. Haja vista o ônibus ter atrasado e terem demorado um pouco, quando chegaram, ele começou a ofendê-la com palavras de baixo calão, alegando que neste intervalo de tempo ela havia ficado com seu irmão. Nisto eles estavam acampados na casa de praia da família dele, e ele pegou um coco para arremessar contra ela, bem como uma faca e rasgou toda a barraca além de lhe ameaçar com a faca. Empurrou-a no chão, e a família dele teve de intervir. No outro dia ela foi ao encontro dos pais em outro local – porém não lhes deu detalhes do

ocorrido -. Mais tarde, neste mesmo dia, o namorado foi até ela pedir-lhe desculpas. Isto ocorreu no período em que eles tinham um ano e seis meses de namoro.

Ai no dia seguinte até a irmã dele mais o marido dela me levaram pra Meaípe pra onde minha mãe *tava*...ai nesse dia , no mesmo dia ele me ligou... eu atendi a ligação...ai ele falou... foi La... me pediu desculpa... falou que não ia fazer de novo... e que era pra eu ir embora com ele, que ele *tava* com a cabeça quente, que ele *tava* bêbado, e que ... nossa *ta* passando um filme assim na minha cabeça... **e que ele gostava muito de mim e que ele não era merecedora daquilo que ele *tava* fazendo comigo... e que não ia fazer de novo e tal** (JÚLIA, 2016, grifo nosso).

A participante disse que o ex-parceiro era manipulador, e sabia como lhe enganar pois dizia palavras que a convenciam a não romper a relação, como por exemplo, “você é a mulher da minha vida”, “eu não vou fazer de novo”, “você é tudo que eu quero pra mim”, “você me ajuda”, e “se você me deixar eu vou poder voltar pro mundo, e eu não quero”.

A participante disse que por muitas vezes o ex-parceiro agia com agressividade quando consumia alguma substância ilícita ou não.

Tinha meses, eu acho que era assim quando mais ele queria...abstinência... “preciso usar minha droga e não tem como usar minhas drogas, então preciso fazer alguma coisa” então que que ele fazia? Usava o álcool, ai no álcool, dava vontade de usar a droga, ai eu não deixava ele usar a droga, ai... ele fazia o que? Me agredia ...teve uma vez...que ele me trancou dentro do quarto dele e saiu... eu ia entrar na loja, duas horas e isso era uma e meia da tarde, o chaveiro tava indo lá tirar ... é... abrir a porta pra mim... pra eu poder sair pra trabalhar.. porque ele tinha me prendido... dentro de casa pra ele poder usar droga [...] (JÚLIA, 2016).

Entretanto relatou que as brigas aconteciam também quando ele estava sem o uso de alguma substância.

[...] a gente saindo da igreja... a gente teve uma discussão, ele mandou eu descer do carro, eu falei que não ia descer, ele abriu a porta do carro e puxou o meu cabelo e falou “você vai sair sim” ai puxou meu cabelo e me tirou do carro... (JÚLIA, 2016).

Após a situação citada anteriormente, em que ele desconfiou de que ela havia se envolvido com o irmão dele, passou-se um período de um ano em que houve harmonia entre o casal. Porém passado esse tempo, ocorreu outra agressão. Entretanto desta vez a participante disse que quando ele tentou agredi-la, a mesma pegou um cadeado e o bateu, dizendo que “agora você não bate em mim mais não”. Posteriormente terminou o relacionamento com ele, ligou para a mãe dele, e ficou um período sem manter qualquer tipo de contato. Contudo, ocorreu que se encontraram em uma boate, e ele exigiu que ficasse perto dele, ameaçando-a de agressão caso não o fizesse. No dia seguinte ele foi até a casa da participante querendo falar com o pai dela para pedi-

la em noivado. E ela disse que nessa “recaída” acabaram voltando. E neste período de tempo ela acabou engravidando, e disse que durante toda a gravidez ele foi um excelente companheiro e que fez de tudo por ela, alegou que ele a tratou como uma princesa, e que “nem parecia aquele cara medonho que **pareceu**” (grifo nosso). As pessoas de convívio diziam para Júlia que ela havia conseguido mudá-lo. Sob estas circunstâncias a participante ficava em sua casa e na casa do namorado alternadamente.

A briga que culminou no término decisivo do relacionamento, ocorreu após o período de gravidez em que o filho já havia nascido – momento em que o ex-parceiro deu início em um período de saídas repentinas e constantes -. O mesmo chegou completamente bêbado em casa, em uma segunda feira por volta das seis horas da manhã.

ai eu falei com ele que eu ia sair de casa [...] ai a gente brigou,... ai ele me deu um tapa ai eu dei tapa nele... e de novo eu fiquei roxa...ai teve outra agressão... ai eu fui peguei...isso tudo na frente do meu filho... eu fui descendi, deixei meu filho com minha mãe e fui trabalhar...peguei as minhas coisas e do meu filho quando voltei do trabalho...e vim embora... ai passou um tempo desde que a gente terminou, não voltamos mais... até que um dia ele veio buscar meu filho... ele tava completamente drogado... eu falei “não você não vai pegar meu filho desse jeito não, que você tá”, ai ele falou assim “eu vou sim”... ai eu falei “não , não vai” ai eu não deixei ele pegar meu filho, e vim pra casa, nisso que eu vim entrar na minha casa, passou cinco minutos ele invadiu a minha casa , invadiu falando que era pra eu andar com olho bem aberto na rua, que eu era vagabunda, piranha nananana que eu tava pegando os amigo dele tudo... e que eu num tinha... que eu tinha que andar na rua com o olho bem aberto... que ele ia me matar mesmo...e ele ficou rondando mesmo aqui em casa, ai deu polícia, **a gente chamou a polícia... nem foi a gente mais que chamou a policia**,,, foi os vizinhos, foram os vizinhos que chamaram...a polícia... ai eu fui peguei nesse tumulto todo e dei um tapa na cara dele, e falei pra ele que agora ele ia ver o que eu tinha que ter feito desde o início e não fiz, ai até que eu fui na delegacia da mulher.. onde eu fui super bem atendida, e dei parte... ai expliquei toda situação, expliquei como é que tava e tal... ai eu até falei pra ela “eu posso ta fazendo uma tempestade num copo d’água, porque só foi uma ameaça” mas que eu fiquei com medo [...]

(JÚLIA, 2016, grifo nosso).

4.2 CONCEPÇÃO ACERCA DO QUE É UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Como esta pesquisa visou compreender a persistência de mulheres jovens em namoros abusivos, foi imprescindível que essas moças relatassem qual a percepção delas acerca do que configuraria tal relacionamento. Júlia (2016) disse que para ela um relacionamento abusivo é:

[...]É um relacionamento **obsessivo**, onde o cara, vamos supor, prende trata a pessoa como se ela fosse dele e de mais ninguém, tem ciúmes até da família... tem ciúmes vamos supor da mulher vestir um short curto e ele não gostar ...é .. não poder falar com seus amigos só conviver na vida dele , viver por ele, **não viver pra ela, viver só pra ele, só o dele e ele nunca poder viver o dela** ... acho que pra mim é isso (grifo nosso).

Além disso, ela considerou que a vítima de uma relação dessa é prejudicada, uma vez que se deixa de viver para si para viver a vida do parceiro, não se relacionando nem com a própria família e amigos, mas apenas com as pessoas pertencentes ao ciclo dele.

Sobre o que é um relacionamento abusivo, Cláudia (2016, grifo nosso) disse que:

Depende do ponto de vista... Eu acho que o abuso ele inclui psicológico... Verbal... Quando... Meio que assim... Você tá meio... Age meio que inconscientemente mesmo que a pessoa esteja te fazendo mal, entendeu? Você acaba... Sei lá... **Por gostar, por achar normal, se submetendo a certas coisas que na sua índole, na sua moral você não se submeteria.** Em situações normais né...

Cláudia disse que muitas vezes as pessoas usam do dito popular “a mulher gosta de homem que não presta”, entretanto discorda de tal afirmação por considerar que a mulher está acostumada com esse tipo de relação por achar normal se submeter ao mesmo tempo em que sabe que faz mal.

4.3 FALAS COINCIDENTES ENTRE AS PARTICIPANTES

Tanto Júlia quanto Cláudia disseram que seus ex-parceiros eram manipuladores e que com isso faziam com que continuassem se submetendo a eles, pois os mesmos as conheciam e sabiam como afetá-las. Além disso, após os momentos conflituosos ambos se comportavam de forma maravilhosa, segundo elas, e as tratavam muito bem, jamais conversando sobre as brigas, e caso elas tocassem no assunto, sentiam-se ofendidos. Ademais também falavam para elas que ninguém no mundo as amaria como eles, e elas acreditaram.

As duas participantes também partilharam da esperança de que o ex-parceiro mudasse, portanto, todas as brigas que aconteciam eram perdoadas pois esperava-se que não acontecesse de novo. Como disse Cláudia (2016) sobre como pensava frente ao término, “Que ia melhorar... eu pensava que ia melhorar... melhorar de alguma forma... eu não sei que diachos eu achava que... com o tempo tudo ia melhorar, que a gente tava no início, era assim mesmo [...]”. E também disse Júlia sobre a questão “O ele virar pra mim e falar assim “eu não vou fazer de novo”, eu

acreditava que ele não ia fazer de novo... era muito assim, vamo botar... eu era muito besta [...]”.

Também foi recorrente que as duas sentiam-se absolutamente amadas, não conseguindo imaginar a vida sem o parceiro, pensando que não existisse mais ninguém que pudesse ocupar o lugar até então ocupado por eles.

Além disso, ambas disseram que não ouviam muito as pessoas que se envolviam na relação, quando se envolviam, pois pensavam que as pessoas não deviam falar coisas a respeito, já que não eram elas que vivenciavam a mesma.

Também relataram que após passar por toda essa situação, sentem que precisam apenas de si mesmas. Ainda que ao longo de toda vida sentiram necessidade de agradar aos outros. Entretanto, as duas disseram que são bem tranquilas para se relacionar com as pessoas.

Outro fator marcante, foi que ambas disseram encontrar uma espécie de fuga no parceiro. Como disse Cláudia (2016) ,

[...] principalmente quando meu pai morreu... eu encontrei no Gabriel uma forma de fugir dos problemas, talvez seja por isso que eu me envolvi com ele! eu sabia que ele era ciumento, ele já demonstrava isso, inclusive quando ele foi lá em casa... mas eu tava numa situação que eu queria fugir tão grande... que eu me subme.. que eu preferi me submeter entendeu? ... posso dizer que por um momento eu tive um stress psicológico.. depressão psicológica e eu queria... fugir! ... meu irmão tava naquela viiidaa... minha mãe chateada... eu não aguentava ver aquilo... e fugi... ele foi meu ponto de scape...

Já Júlia disse que quando, foi questionada durante a entrevista, acerca da dependência do ex, ainda que sempre quisesse ser independente, desde criança, a pergunta foi “arreatadora”, e que ele foi sua fuga para que pudesse errar sem ser julgada, por que, por exemplo, com os pais nunca teve liberdade de conversar sobre as coisas, por ter medo do julgamento e vergonha de contar suas coisas para eles.

4.4 NECESSIDADE AFETIVA DO OUTRO

As participantes alegaram que não sabiam o porquê da persistência, nem o porquê de ficar com eles, e muito menos o porquê de gostarem deles. Além disso, ambas sentiam necessidade de estar com os parceiros. Disseram sentirem-se plenamente amadas ao ponto de não imaginarem que pudessem encontrar outro alguém, no sentido de que estes eram os amores de suas vidas.

Eu? Eu ficava arrasada... parecia assim, que eu não ia encontrar mais ninguém, que quando ele terminou comigo... então eu falava assim... perdia noites chorando, falava “não, não quero saber mais da vida!! E agora como é que eu vou ficar??? E sem ele? Ele é o amor da minha vida!” [...] Maltratando, me matando praticamente, e eu falando que era o amor da minha vida, e que eu quero continuar com ele e eu fazia de tudo pra volta... eu fui também... tive as oportunidades de sair fora e não sai... me sentia péssima, aí quando voltava, parecia “nooossa, volteiiii!” Tipo assim uma glória [...] (JÚLIA, 2016).

Assim como Cláudia, disse:

Por algum motivo que eu também não sei explicar, eu achei que se eu largasse dele eu não ia conseguir ficar com mais ninguém... e ... não sei ... alguma ... sinceramenteeee ... sabe aquele primeiro amor que tem que ser pra sempre, que se não for com ele, não vai rolar? Eu olhei assim e... er.... eu tinha isso na cabeça ... euu... achava que se eu separasse dele eu não ia conseguir ficar com mais ninguém... não existia mais ninguém pra mim... que ninguém me queria [...]

Bem como também disse acerca de como se sentia em relação ao namoro em si “[...] eu tava me sentindo... achando que eu estava me sentindo feliz, amada...

DEMAAAAIS... da conta... eu acha aquilo tão fascinante naquele momento, que eu falava “nossa, eu sou a maioral”, só depois que eu vi que era doença”.

No que diz respeito a necessidade de outras pessoas que não parceiros amorosos, ambas disseram costumar colocar o outro como prioridade, visando agradá-lo, ainda que isso tenha mudado ao longo da vida no que tange a intensidade, não deixou de existir.

4.5 RELAÇÕES INTERPESSOAIS

As participantes relataram que, no que tange a relação interpessoal, sempre foram absurdamente tranquilas, dizendo que se relacionam com todos de forma bem agradável.

O único fator que é marcante nestes, é a necessidade de agradar ao outro, colocação feita por ambas as participantes, que disseram que isso as acompanha desde a infância.

Cláudia disse que desde a infância foi rodeada por pessoas que desacreditavam de que ela fosse se constituir uma boa pessoa quando crescesse. Com o pai, a relação era um pouco conturbada, posto que ambos tinham “o gênio forte”, o que fazia com que eles discutissem com frequência, porém, nada que afetasse a relação e a fizesse ser ruim. Disse que o irmão e ela brigavam bastante, talvez pelos ciúmes que é

recorrente entre irmãos, e isto veio a piorar quando este, no período da adolescência começou a se envolver com drogas, o que acabou por desestabilizar a família por inteiro. Além disso, disse que consegue perceber que a persistência em um relacionamento abusivo tenha sido influenciada por estes primeiros relacionamentos, pelo fato de que via, de forma frequente, a briga entre os familiares, e posteriormente e a paz, e assim sucessivamente.

Júlia disse que os pais nunca fizeram distinção entre ela e os irmãos, todos sendo tratados igualmente. Entretanto, ela sempre procurou ser muito independente, não falando aos pais, inclusive, quando estava doente. Eles só o sabiam, caso perguntassem ou notassem algo de diferente. Disse sempre ter sido rodeada por familiares e amigos, em uma infância absolutamente tranquila. Apenas não possuía uma relação de grande amizade com os pais, no sentido de contar sobre suas questões, pois disse que era muito “fechada” e tinha vergonha de se abrir para com eles. Além disso, disse que sempre foi “muito dada, sempre deixei a pessoa governar a minha vida [...]”. E disse que “[...] você agrada a todo mundo mas num quer ser agradada, mas quando alguém te agrada você acaba cedendo coisas, assim, que não podem ser cedidas” (2016) . Também enfatizou o fato de doar-se às pessoas que lhe oferecessem carinho, e que sempre foi muito “boazinha”.

4.6 O INCONSCIENTE E A PERSISTÊNCIA

Como já dito, o inconsciente rege nossos atos e escolhas para além da consciência, e diante disso, muitas vezes não se sabe o porquê de certas escolhas, a não ser através de um processo analítico que se faça presente, e auxilie o sujeito a desvelar, minimamente, suas formações do inconsciente (FREUD [1914-1916], 1996). O fato das participantes alegarem por diversas vezes o não saber o porquê da persistência, bem como não conseguir identificar os motivos de terem amado tanto os sujeitos com os quais se relacionaram, ainda que perdurasse o desamor na relação, puderam demonstrar a existência de algo além, na escolha do objeto amoroso. Algo além que a própria consciência não dá conta de suprir e responder. Esse algo além designa o lugar do próprio inconsciente (FREUD [1914-1916], 1996).

No que tange a relação com os pais, ambas as participantes disseram ter sido muito amadas e terem recebido bastante afeto de seus entes queridos. Não se pôde, pois,

adentrar muito nessas questões, haja vista que as participantes não disseram com muita ênfase. Porém a participante Cláudia, disse que se recorda do fato de que a mãe tenha abdicado de muita coisa por conta dos ciúmes do pai, que este demonstrava também para com ela, ainda que de forma mínima. Tendo como base o Complexo de Édipo, bem como suas implicações na vida do sujeito, e o fato de a participante ter se envolvido com o parceiro ciumento, ter sido justamente após o óbito do pai, pode dizer algumas questões com o fato de ela ter tentado encontrar nesse parceiro, algo do pai, pois, inclusive, disse que sempre gostou de “novinho”, e este rapaz era dez anos mais velho que ela (FREUD [1925-1926], 1996). Em relação a Júlia, o que pode ter sido um significante, é que este parceiro possa ter representado o que ela não teve com seus pais, que foi uma relação de amizade em que ela pudesse falar sobre suas questões e cometer os seus erros, sem que fosse julgada, e sem sentir-se envergonhada, considerando que ele cometia muitos erros na vida, e possivelmente não a julgaria. Além disso, o fato de ter dito que sempre ter deixado alguém governar a sua vida, exceto os pais – que ela enfatizou ser bastante “fechada”. Possivelmente com as outras pessoas representaria essa falta de amizade com os pais, doando-se ao outro sempre que este lhe oferecesse carinho. Ainda que relatasse ter afeto “em casa”, algo faltava, haja vista a identificação por pessoas que lhes desse esse carinho. Pois, inclusive o parceiro, lhe dava bastante carinho, apesar das violências, ficava nesta dicotomia, entre dar e tirar, o que também fora dito por Freud do que tange a ausência e presença do objeto de gozo, e isto tem função simbólica para o sujeito, por tornar-se dependente do objeto (FREUD [1923-1925], 1996).

Partindo do pressuposto de que o desejo é significado para a menina de acordo com a relação materna, ou seja, quanto mais há o investimento na filha, maior a dependência desta frente ao desejo do Outro, pode-se correlacionar esses dois aspectos com o fato de que, ambas as participantes ainda moram com a mãe, e possuem uma relação muito próxima com as mesmas. Isto pode ter sido externado para a relação com os parceiros abusivos, considerando a dependência do desejo materno ter, na constituição destas mulheres, sustentado o anseio pelo desejo do Outro, que foi manifesta na relação com o objeto amoroso. (SOUZA, 2011).

O que configurou para essas mulheres um amor devastação, pois em ambas as relações amorosas das participantes, percebe-se que elas se sujeitaram ao desejo dos parceiros, estando na posição de objeto de gozo do outro. O parceiro devastação,

é aquele que, como já citado, ilude, por se dizer ser tudo aquilo que essa mulher precisa para existir. O que é totalmente demonstrado na fala das participantes, que alegaram que os parceiros diziam que ninguém as amaria como eles, assim como elas também pensavam dessa forma, de que sem eles não poderiam imaginar como seria a vida. Tal fato também corresponde com uma das condições ditas por Freud, no que tange a escolha de objeto amoroso feita pelos homens – ainda que não seja o foco deste trabalho –, que é a quarta condição, de que o homem escolhe aquela a quem ele pode salvar, alegando que a parceira necessita dele (FREUD [1910], 1996). O gozo destes parceiros abusivos, como já exposto, é absurdamente perverso, e faz a parceira gozar com a devastação, uma vez que esta demonstre para ela, um significado de amor, pois de fato, a devastação ocupa esse lugar. E isto também se confirma com a fala das participantes, quando disseram sentir-se amadas de uma forma imensurável que jamais encontrariam amor igual (SOUZA, 2011).

O amor-devastação atravessado pela pulsão de morte e, portanto, sem limites, liga-se à dificuldade que as mulheres têm de barrar o Outro. É um apelo ao Outro, “uma exigência ao Todo, que repousa sobre o sentimento de não ser nada. O sentimento de não ser nada sempre oculta “um delírio de grandeza de que o Outro o é Todo” (SLONGO, 2012, p.5)

Este amor devastação é perpassado pela pulsão de morte. Mas esta, também é demonstrada na compulsão ao repetir o perdão. Pois os parceiros as agrediam – seja qualquer forma de agressões –, as situações aconteciam, e posteriormente elas perdoavam. Algo que era altamente recorrente na relação. Há algo que permeia essa compulsão, este que envolve a esperança de que eles mudassem, ainda que – inconscientemente – fosse sabido de alguma forma, que essa mudança não iria ocorrer. Esta compulsão, como já dito, leva o sujeito a se submeter a certas situações que são altamente conturbadas e fazem mal para si (EIZIRIK, 2009). O que é notório no discurso das participantes.

Além disso, utilizando do termo dito por Freud, *Verliebtheit*, que corresponde à paixão amorosa em que o sujeito se abstém da razão, que ao designar-se aos desejos inconscientes, iludem o sujeito de que com o objeto amoroso ele é completo e que frente a sua perda, acaba por perder a si mesmo, já que este Outro passa de objeto da ordem do desejo para a ordem da necessidade, é demonstrado também com a fala das participantes, haja vista que elas disseram necessitar dos parceiros, e sentir-se absolutamente mal com a ausência deles. Preenchidas pela falta da razão, pois frente a tantas situações desprazerosas que envolviam a relação, violências psicológicas e

físicas, não percebiam o quanto isto era devastador e abusivo, só vindo a perceber realmente, com o término da relação. Algo que implica também o fato de que o amor, e a relação é marcada e fundada pelo sintoma. Frente as circunstâncias, algo se inscreve para além, de qualquer sentido que faça para a consciência, alguma necessidade que o sujeito possui, mas que não se apresente de forma clara, nem para si mesmos (LEVY; GOMES, 2011).

No que tange aos dois tipos de amor, elaborado por Freud, o anaclítico e o narcísico, frente aos enlaçamentos abordados nesta pesquisa, nota-se a prevalência do segundo, respectivamente. Considerando o sentimento de fusão entre as participantes e os parceiros, no sentido de fazer-se um só, visando se constituir. Pois o Outro tem algo que não se possui, uma vez que, ele tem o suposto falo. Ficando impossibilitadas de fazer o luto da relação, algo que pode justificar a persistência no que corresponde ao fato de que por não conseguirem se deparar com o desamparo da perda do outro, devido a ferida narcísica, confronta-se a si mesmo e suas ilusões que até então foram depositadas neste Outro que ocupa o lugar do tudo (FONSECA, 2012). Também demonstrado com o discurso das participantes que se afastaram de família e amigos em prol dos parceiros.

A tentativa de encontrar um outro a quem se entregar, se oferecer em uma situação de submissão, indica, por um lado, uma saída desesperada para evitar o desamparo. Por outro lado, revela o temor de uma vivência de devastação diante da possibilidade de perdê-lo (LEVY; GOMES, 2011, p.51).

Foi dito, ao longo deste trabalho, acerca da importância do amor para a mulher, em que o que se perde com o objeto, não é o objeto em si, mas o que marca profundamente esta, é a perda do amor por este. Pois como diz Lacan, o amor para ela, tem valor supremo, pois torna-se condição de seu gozo. Ela ama ser amada. Com isto, ainda que as participantes sofressem violências das variadas formas, a garantia de amor, que lhes era prometida e dita por esses parceiros, as envolviam de uma forma, que elas ignoravam todo o resto. Este homem configura realmente um objeto erotomaniaco para estas mulheres, por elas acreditarem ser amadas por eles, ainda que sejam marcadas por uma falta, sustenta que a submissão a certas circunstâncias. Isto possui a função de nomeá-la (SOUZA, 2011).

Considerando que “a relação ao limite para a mulher é contingente e depende do amor, da certeza do amor que vem fixar a deriva pulsional, no laço heterossexual, o homem eleito é tomado em uma forma erotomaniaca de amor [...]. O laço erotomaniaco, na certeza do amor compartilhado, se não é totalmente delirante, detém, fixa a mulher em uma relação vital” (SLONGO, 2012, p. 6).

Faz-se necessário que se realize o luto da relação, e além deste, entra em jogo a melancolia, que é o lidar com a perda simbólica de um objeto. O que diferencia estas entre si, é o fato de que a segunda, respectivamente, demonstra que o sujeito esteja preenchido por uma baixa autoestima, por se autodepreciar. Sente um desânimo penoso, desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, e sente-se inibido de qualquer outra atividade. Algo que também é demonstrado através das participantes, pois disseram sentir-se frustradas, com raiva, e tristes frente a situação de não conseguir mudar os parceiros, e também frente a ausência deles. O que faz com que as mesmas passem por um momento dito, melancólico. Já que, no momento em que vivenciaram a relação, viam o parceiro amoroso como tudo, ou seja, utilizando de termos psicanalíticos, não se reconhecia que o sujeito é preenchido pela falta, e portanto, *nãotodo* – como acontece no luto (FREUD [1914-1916], 1996).

Entretanto, na melancolia, encontra-se um teor narcísico, como já dito, pelo fato de o sujeito se fazer um só com o objeto, por pensar que ao ele ter o que a si falta, ele tem de completa-lo, vindo, pois, para curá-lo de sua ferida narcísica. Este objeto tem para si, um alto valor para o ego, por servir de eu ideal, e por isso, apropria-se dele. Isto pode ser notado, com o fato das participantes alegarem que os parceiros serviram como fuga para si mesmas, ou seja, eles possuem algo que não se tem, e afim de obter isto, funde-se a ele (FREUD [1914-1916], 1996).

Esse se fazer como objeto do outro, vela e mascara a questão masoquista no feminino, posto que é uma forma de realizar-se frente ao Outro, ainda que isso lhe seja custoso. Pois trata-se do desejo do Outro, e não o do próprio. E isto foi recorrente em muitas falas das participantes, que alegaram que muito era feito em prol da vontade do parceiro, ignorando os próprios anseios – conscientes –. Além disso, o depreciar-se frente ao outro, no sentido que as participantes usaram, por sentirem absolutamente mal e incapazes por não conseguirem mudar os parceiros, demonstram esse teor sádico e masoquista também, pois o sujeito sofre, e vivencia a dor pelo outro. Não necessariamente a dor física. (CLARA, 2007).

Esta autodepreciação, bem como as situações vivenciadas por estas mulheres, não deixam de ser um “suicídio”, já que estas estavam perdendo suas próprias vidas – no simbólico – em prol do Outro (CLARA, 2007).

Como também dito ao longo desta pesquisa, visa-se ferir com a depreciações, algum objeto que o sujeito ama ou amou. Muito possivelmente com as participantes alegando sentirem-se incapazes de mudar seus parceiros, isto velaria a real vontade de designar esta incapacidade aos próprios parceiros, por eles mesmos não conseguirem mudar, entretanto, diante do teor sádico e masoquista, bem como o narcísico, o sujeito se rearranja e lança para si as punições (FREUD [1914-1916], 1996).

Lidar com a falta do objeto, é algo que pôde-se perceber que é marcante na persistência, dada a importância simbólica e fálica que este possui para os sujeitos. Este fato permeia a necessidade afetiva do outro, que foi dita pelas participantes como algo que as constituiu. Utilizando-se do que foi dito por Lacan, em seu escrito “As três formas da falta de objeto”, pode-se fazer uma analogia quanto ao conceito de frustração. Pois, no relacionamento amoroso das participantes, quando foi instaurada a falta do objeto, este ganha uma importância avassaladora, já que ele possui algo que faz jus ao símbolo de amor para estas mulheres (LACAN [1956-1957], 1995).

Tendo como base, a saída, dita por Freud, para que a mulher vivenciasse sua feminilidade, seja através de dar luz a um filho, pode ser demonstrada claramente com a participante Júlia. Que só conseguiu se desvencilhar de seu parceiro abusivo, quando já com um filho, depositou seus anseios e satisfações sobre este, sendo ele seu objeto de amor, e não mais o parceiro. O bebê representou o preenchimento de sua falta simbólica, para que esta não mais se submetesse aos abusos de seu parceiro, que até então lhes eram significantes de amor (EWERTON, 2013).

E por fim, no que diz respeito ao laço social, e os quatro discursos elaborados por Lacan, a relação dita ao longo deste trabalho, assemelha-se com o discurso da histérica, ao partir do pressuposto de que esta, tenta preencher a todo custo a sua própria falta. E para isto, ela designa a função de mestre para alguém, a quem servirá de objeto a ser desejado. Isto é demonstrado ao longo das falas das participantes, pois os parceiros – durante o período da relação – eram aqueles que possuíam tudo que as preenchia, e estas serviam de objetos para estes, não importando as consequências (COELHO, 2009). “Eis que a parceria se funde, numa clássica referência as uniões típicas entre as histéricas, que demandam amor a todo custo; e os obsessivos, sempre dispostos a “cobrirem a oferta” de amor” (MIRANDA; RAMOS, 2014, p. 38). A participante Júlia, inclusive, permitia-se ser “sugada” pelo parceiro, no

intuito de que ele não recorresse às drogas, fazendo-se de “droga” para que ele a usasse.

Todas estas questões, marcam de fato a relação e o laço amoroso. Pois neste, como já dito, elucida-se o mundo interno de cada um, sendo que fantasias e defesas do inconsciente são compartilhadas (LEVY; GOMES, 2011). Devido a isto, cabe olhar a posição da mulher que persiste. A relação também é construída por ela. E ainda que haja manipulações, há algo delas – que permeia seu inconsciente - no enlaçamento propriamente dito. Inclusive porque, ambas disseram que tiveram oportunidades de sair do relacionamento em questão, e não saíram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, teve por objetivo identificar o que há de inconsciente que determina a persistência de mulheres jovens em namoros abusivos, tendo em vista que somente a consciência não dê conta de responder à todas as questões que envolvam nossos atos e escolhas. Entretanto, partindo-se do pressuposto de que cada sujeito se rearranja para lidar com seus sintomas, e possui um inconsciente altamente particular, não há como categorizar a posição da mulher frente a situação. O que se pode fazer, é escutá-las de forma única, pois como foi dito ao longo deste trabalho, a própria questão da violência, é vivenciada de forma muito particular por cada sujeito, não podendo reduzir este fenômeno a algo estático e único. Ainda que demonstrou-se que certas falas das participantes coincidiam, isto não se torna uma regra universal.

Frente as políticas públicas que podem cristalizar essa posição vitimada da mulher em relação a uma situação de namoro abusivo, esta pesquisa procurou dar voz a essas mulheres, no intuito de observá-las como agentes ativos dentro da relação, e não apenas vítimas de um homem abusador. Pois faz-se necessário que se entenda essas mulheres, para além da situação vivenciada, já que em um relacionamento, ambos constroem a base e a estrutura do mesmo.

A fim de responder ao objetivo, abordou-se questões como o laço amoroso, o lugar do desejo da mulher frente a situação de um namoro abusivo, bem como acerca das pulsões, já que pela via do inconsciente, estas direcionam nossos atos e escolhas, além de estruturas como a melancolia, o narcisismo e o masoquismo. E para além disso, na relação dos sujeitos com o objeto amoroso e sua perda. Frente a essas questões, constatou-se que o inconsciente permeia sim ao entorno da persistência de mulheres jovens em namoros abusivos, em todas as estruturas percorridas ao longo da pesquisa.

Ambas as questões foram propostas, não com o intuito de dizer que a mulher não é vítima dentro de uma relação em que apanha, ou é agredida de alguma outra forma, mas com o objetivo de empoderá-la, colocando como um agente que pode se posicionar na relação, pois ela também constrói esse laço que envolve a mesma.

As relações, são de fato, algo que permeia o imaginário do sujeito, e que traz consigo muito sofrimento, devido as necessidades e anseios que este deposita no Outro, e que este não tem por essência cessar e sanar, mas que também possui as suas e

visa satisfazê-las. O sujeito lidar com a perda de um objeto, no qual depositou estes anseios, é algo que realmente, ele tem de se rearranjar para lidar, e que envolve suas próprias questões inconscientes que ele mesmo desconhece. Principalmente quando se percebe a função do amor para essas mulheres, que faz com que todo o resto perca o sentido, e que ainda frente a situações de violência, a garantia de “amor” prometida por esses parceiros, as fazem persistir.

O sujeito se constitui como pode, e isto envolve o olhar do Outro, e a sua relação com este, ao longo de toda a vida psíquica, desde o momento que nasce. Isto foi prontamente observado ao longo da pesquisa, pela viabilização das identificações com o objeto amoroso terem sido sustentadas por questões do próprio sujeito, que os acompanhavam ao longo de suas vidas. Necessidades que foram constituídas no início da vida, e que não conseguiram ser sanadas.

Não foram abordadas acerca de todas as questões do inconsciente nesta pesquisa, focou-se na relação dos sujeitos frente ao objeto amoroso. Com isto, futuras pesquisas podem agregar outros fatores que envolvam o inconsciente e podem sim, influenciar e determinar a persistência de mulheres jovens em namoros abusivos. Recomenda-se que se continue a dar vozes a essas mulheres, para que elas possam sentir-se empoderadas, e possam ver o seu próprio lugar na relação, para que se conheçam e possam agir frente a suas reais necessidades bem como terem domínio sobre si, já que por tanto tempo, ao longo da história, não podiam conhecer-se e quem dirá, tomar conta de si. Que não se espere a perda de mais mulheres, para empoderá-las e lhes mostrar seu lugar, enquanto sujeitos, dentro de uma relação abusiva.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. J. V., ANDRADE, T. R. Compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola. **Uespi**: Piauí, 2010. Disponível em < http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_01_2010.pdf >
- AFONSO, José Abreu, MASCULINO E FEMININO – um estudo das representações do gênero. **Febrasi**: São Paulo, 2007. Disponível em < http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/2007_luso_joseabreu.doc >.
- ARAUJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat. [online]**, n.14, pp. 0-0. ISSN 1870-350X, 2008. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt > Acesso em 03 abr. 2016.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRASIL, Constituição (1988). Emenda constitucional nº 11340, de 7 de agosto de 2006. **Presidência da República**, Casa Civil, Brasília, DF. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 02 abril 2016.
- CARRETEIRO, Teresa C. O.; MATTAR, Cristine M. Marcas do amor romântico e violência conjugal: uma análise a partir do sequestro do ônibus 499. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n.2, 2008. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 maio 2016.
- CLARA, Carlos José da Silva Santa. Melancolia e narcisismo: a face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro. **Mental**. Barbacena, v. 5, n. 9, 2007. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200009 > Acesso em: 24 out. 2016.
- COELHO, Carolina Marra S..Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. **Mental [online]**, Belo Horizonte, v.4, n.6, p. 107-121, 2006. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n6/v4n6a09.pdf> > Acesso em: 21 out. 2016.
- EWERTON, Anícia. O amor e o feminino no século XXI. **Opção lacaniana online nova série**. n 10. 2013. Disponível em < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_10/O_amor_feminino_no_seculo_XXI.pdf > Acesso em: 14 nov. 2016.
- EIZIRIK, Cláudio Laks.Pulsão, com pulsão, compulsão. **Rev. bras. psicanál [online]**, São Paulo, v.43, n. 2, p. 161-171, 2009. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200014 > Acesso em: 22 out. 2016.

FONSECA, Maria C. Bellico. União e destruição - duas faces do amor. **Reverso**. v. 34, n. 64. Belo Horizonte. 2012. Disponível em <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300009 > Acesso em: 05 out. 2016.

FRAGELLI, Ilana Katz Z., PETRI, Renata. A transmissão da falta, a partir da leitura do seminário IV de Lacan. **Estilos clin. [online]**., v.9, n.17, p. 118-127. ISSN 1981-1624. 2004. Disponível em <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000200009 > Acesso em: 01 out. 2016.

FREUD, Sigmund. [1932-1936]. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. v. XXII. Imago: Rio de Janeiro. 2006.

FREUD, Sigmund. [1914-1916]. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Imago: Rio de Janeiro, v. XIV, 1996.

FREUD, Sigmund. [1917] Luto e melancolia. In: _____. **Obras completas**. Imago: Rio de Janeiro, v. XIV, 1996.

FREUD, Sigmund. [1923-1925]. Dissolução do Complexo de Édipo. In: _____. **O ego, o id, e outros trabalhos**. Imago: Rio de Janeiro, v. XIX, 2006.

FREUD, Sigmund. [1927-1931]. Mal-Estar na Civilização. In: _____. **O futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1996, p. 42-91.

FREUD, Sigmund. [1910]. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). In:_____, **Obras Completas**, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 167-180.

FREUD, Sigmund [1924]. Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In:_____. **Obras Completas**. v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 193- 218.

FREUD, Sigmund [1905]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. v. VII. **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.180-195.

FREUD, Sigmund. [1920-1922]. **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago. 2006.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. 2009. 274 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo,2009. Disponível em <
file:///C:/Users/aluno/Documents/Fuentes_DO.pdf > Acesso em: 20 out. 2016.

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa**. 1 ed., Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009. Disponível em <

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. Atlas: São Paulo, 2009.

GOMES, Luiz Flávio. Lei Maria da Penha X Relação de Namoro. **Jusbrasil**. 2009. Disponível em < <http://fg.jusbrasil.com.br/noticias/1665720/lei-maria-da-penha-x-relacao-de-namoro> > Acesso em: 20 out. 2016.

JORGE, Marco A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. 2 ed. v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. [1957-1958]. **O Seminário – livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. [1956-1957]. **O Seminário – livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques [1960-1961]. **O Seminário 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1992.

LACAN, Jacques [1969-1970]. **Seminário 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAMANNO-ADAMO, Véra Lúcia C. Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 4, n.1 ,Rio de Janeiro, 1999. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 mar. 2016.

LEVY, Lidia, GOMES, Isabel Cristina. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**. v. 43, n.1. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003 > Acesso em: 03 out. 2016.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê [online]**. v.9, n.15, p. 65-76, 2005. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006 > Acesso em: 20 out. 2016).

MARQUES, Tânia Mendonça. Violência Conjugal: um estudo sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos. **Instituto de Psicologia: Minas Gerais**. 2005. Disponível em < http://www.btd.ufu.br/tde_arquivos/21/TDE-2005-12-21T114849Z-59/Publico/TMarquesDISSPRT.pdf > Acesso em: 07 abr. 2016.

MIRANDA, Cássio E. S.; RAMOS, Juliana S. "Uma mulher é espancada": a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise. **Ecós**, Rio de Janeiro,. v. 4, n.1, 2014. Disponível em <

<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1297/973>>
Acesso em: 05 maio 2016.

NAZAR, José. **Freud: O homem e sua Obra**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2006.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. 3 ed. Rocco: Rio de Janeiro. 2011.

NOTHAFT, Raíssa Jeanine. Políticas Pública voltadas aos autores de violência de gênero e masculinidade violentas. **UFRGS** . Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em < <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/NOTHAFT-RAISSA.pdf> > Acesso em: 25 out. 2016.

OLIVEIRA, Carmen A. de; CARISSIMI, Alcía; OLIVEIRA, Evelyn Darling Lima de. "O amor que tu me tinhas era vidro e se quebrou": análise dos aspectos psicológicos e da autoimagem de mulheres vitimizadas. **Contextos Clínic [online]**. São Leopoldo, , v.3, n.1, p. 10-17. 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000100002 > Acesso em: 05 out. 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 8, 2010. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 10 mar.2016.

PIOSIADLIO, L. et al. Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.18, n. 4, 2014. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000400728&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 01 abr. 2016.

REIS, Andreia M.; PELLANDA, Gabriela; SILVA, Graciele Santos; REMPEL, Luciane; SILVA, Tássia Taiana da. Mulheres: Sociedade colonial, época do império e nos dias atuais. **Pontifícia do estado do Paraná**: Paraná, 2004. P. 2-14. Disponível em < <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/CI/TC-CI0036.pdf> > Acesso em: 02 de abr. 2016.

RODRIGUES, Soraia Souza. **Demanda e Desejo em Psicanálise**. 2008. 10 f. Trabalho Acadêmico (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário Jorge Amado, Unijorge , Salvador, 2008. Disponível em < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0158.pdf> > Acesso em: 02 out. 2016.

SANTOS, Marcell Felipe Alves dos. UMA CRIANÇA É EX-PANCADA: RELAÇÃO DO MASOQUISMO INFANTIL AO SADISMO ADULTO. **Psicologia.pt**. Minas Gerais, 2015. Disponível em < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0867.pdf> > Acesso em: 27 out. 2016.

SANTOS, Tania C., A psicopatologia psicanalítica de Freud a Lacan. **Pulsional Revista de Psicanálise**, n. 184, p. 74-82, 2005. Disponível em < http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/184_08.pdf> Acesso em: 02 abr. 2016.

SILVA, S. et al. Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 25, n. 2, 2015. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 mar 2016

SILVA, Maria A. et al., Maus-tratos na infância de mulheres vítima de violência. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 14, n. 1, 2009. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 03 jun. 2016.

SLONGO, Cleudes Maria. Amor atravessado pela pulsão de morte. **Opção Lacaniana online**. nº 8. ISSN 2177-2673. 2012. Disponível em < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/Amor_atravessado.pdf > Acesso em: 01 out. 2016.

SOUZA, Tharso Peixoto Santos. O lugar do desejo feminino frente à violência. **Reverso [online]**, v.33, n.62, p. 85-91. 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200010 > Acesso em: 17 out. 2016.

TELES, Vânia Maria Congro. **Bissexualidade: Identidade, Identificações e Comportamento Sexual**. 1999. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Instituto de Psicologia Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.1999.

WAISELFISZ, Julio J., **Mapa da violência contra a mulher**. 1 ed. Brasília: FLACSO, 2015. Disponível em < http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em: 04 abr. 2016.

APÊNDICE A – Comentários “não tira o batom vermelho”



NÃO TIRA O BATOM VERMELHO

JoutJout Prazer  [Inscrever-se](#) 835.328

2.111.720 visualizações

+ Adicionar a  Compartilhar  Mais  99.359  1.107

 **Myllena Maia** 3 meses atrás
Eu já tinha visto esse vídeo, foi um dos primeiros que eu vi seu e hoje voltei aqui porque eu estava me sentindo em um relacionamento abusivo e confirmei. Acabei de terminar com o meu primeiro namorado, estou indo tomar banho e vou sair com os meus pais, e de batom vermelho. Estou me sentindo mais leve e mais feliz e vou continuar assim ❤️
Responder • 445  

 **Marina Ferreira** 1 mês atrás
toda vez que eu me sinto inclinada a voltar com meu ex (na verdade, que ele me faz sentir culpada por ter parado de falar com ele, começado a viver minha vida e tentar ser feliz sozinha) eu venho correndo ver esse vídeo.
Júlia, mais uma vez, obrigada.
Responder • 22  

 **Beatriz Oliveira Ferreira** 3 semanas atrás
eu vi esse vídeo ano passado, só tive coragem de sair disso esse ano
Responder • 11  

 **Raissa Salim** 1 semana atrás
+Beatriz Oliveira Ferreira Nunca é tarde pra ter coragem e se livrar de certas situações e pessoas. Fique firme!
Responder • 2  

 **Beatriz Fonseca** 2 meses atrás (editado)
Esse foi um dos primeiros vídeos que assisti da Jout Jout e por ele percebi que meu primeiro relacionamento era abusivo (ele já tentou me botar contra os meus pais, ficava fazendo vista grossa pras roupas que eu vestia, me chantageava e dizia que eu parecia uma vadia quando eu usava batom vermelho) mas graças a Deus eu tive coragem de pular fora antes que eu me sentisse mal, depois do término resolvi usar as roupas que eu queria, voltei a usar meu batom vermelho, voltei a me amar.
[Ler mais](#)
Responder • 6  



Mateus Faria 1 semana atrás

meu irmão vivia num relacionamento abusivo, a namorada dele era abusiva, graças a Deus terminaram. Ele tinha todos os sintomas que a JoutJout falou.

Responder • 7  

APÊNDICE B – Twetts “ele pode não te bater”



Ele pode não te bater. Ele só fica brabo se um só copo é deixado na mesa porque agora a casa está um chiqueiro e você faz dele um miserável, sua escória.



Ele pode não te bater. Ele só reclama da sua barriga depois que você teve filhos com ele e diz para você emagrecer antes que ele consiga uma menina de 15 anos mais bonita que você.



#ElePodeNãoTeBater, mas descreve você como uma impossível ingrata demandante imperfeita vítima do abuso DELE.



#ElePodeNãoTeBater, mas você viu ele socar tantas paredes e destruir tantos objetos que se pergunta se será a próxima



Liliane Parga
@lilianeparga

Seguir

#ElePodeNaoTeBater mas te chama de louca e descontrolada até você acreditar que é uma de verdade.

RETWEETS
10

CURTIDAS
6



Badu
@Baduzen

Seguir

#Elepodenãotebater mas não quer usar camisinha, te obriga a tomar pílula do dia seguinte, e se você se recusa, vai criar filho sozinha.

RETWEETS
18

CURTIDAS
15



Baldin.
@lbalds

Seguir

#ElePodeNãoTeBater mas te faz pensar que ele está sempre certo e vc errada.

RETWEETS
21

CURTIDAS
18



Raphus
@raphadaneve

Seguir

#ElePodeNãoTeBater mas diz que todas suas amigas são vagabundas e você não pode ir na ideia delas

RETWEETS
14

CURTIDAS
12



APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada**Nome:****Naturalidade:****Idade:****Onde Reside:****Estado Civil:****Escolaridade:**

1. Para você, o que é um relacionamento abusivo?
2. Já vivenciou um relacionamento abusivo?
3. Quanto tempo durou esse relacionamento?
4. Quais os tipos de abusos que você sofria?
5. Como você se sentia quando isso acontecia?
6. Esses abusos eram frequentes?
7. Em que período do relacionamento esses abusos iniciaram?
8. Vocês conversavam sobre os abusos? Como ele reagia com você depois?
9. Havia muitas brigas no relacionamento? E rompimentos?
10. Como você se sentia quando vocês rompiam o namoro? E quando voltavam?
11. Consegue dizer o porque voltava a namorar?
12. Sentia necessidade de estar com ele? Se sim, por quê?
13. Como se sentia sem estar com ele?
14. O que você sentia por ele?
15. O que você achava que ele sentia por você na época?
16. E hoje, como você vê o que ele sentia por você?
17. Qual foi a maior briga? E como você reagiu?
18. O que te motivou o último término? E o que te motivou a não voltar mais para ele?
19. Sua família se envolvia no relacionamento? E os seus amigos?
20. O que você pensava em relação às opiniões deles?

21. Durante a sua vida, teve tipos de relacionamentos parecidos com este?
22. E com outras pessoas que não foram namorados? Com amigos? Familiares?
23. Costuma sentir necessidade pelas pessoas?
24. Costuma colocar o outro em um lugar acima do seu?
25. Como costuma se relacionar com as pessoas?
26. Como define sua autoestima?
27. Como define sua autoestima quando estava em um relacionamento abusivo?
28. Como foi a sua infância?
29. Como era sua relação com seus pais? E com irmãos, caso tenha?
30. E como era a relação entre todos do núcleo familiar?
31. Como era sua relação com pessoas próximas, na infância?
32. Foi uma criança feliz?
33. Considera algo que tenha sido abusivo na infância?
34. Consegue identificar se de alguma forma os seus primeiros relacionamentos, e sua forma de relacionar, tenha influenciado na sua persistência em um relacionamento abusivo?
35. Consegue identificar algo do social que possa ter influenciado na sua persistência?
36. E algo cultural?
37. Consegue perceber algo seu que possa ter influenciado nesta persistência?
38. Costuma persistir em algo, quando dá errado?
39. Tinha muitos pesadelos na infância? O que costumava ser?
40. E quando estava em um relacionamento abusivo? O que costumava ser?
41. Como se sente, hoje, após tudo o que aconteceu, e por ter conseguido sair da situação?

APÊNCIDE D – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO FACULDADE CATÓLICA
SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO****GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TÍTULO DA PESQUISA: E A ROSA DESPEDAÇADA: A PERSISTÊNCIA DE MULHERES JOVENS EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Prof. _____

JUSTIFICATIVA: A violência contra as mulheres permeia a nossa sociedade de forma alarmante. Estudar e contribuir para a compreensão dessas mulheres e como ajudá-las é fundamental para a construção de uma realidade melhor. Profissionais que estejam mais bem preparados para lidar com este tipo de situação, podem possivelmente auxiliar, juntamente com as demais políticas públicas, para a diminuição da incidência de casos em que mulheres se sujeitem a tolerar certos tipos de abusos.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Identificar as estruturas inconscientes que influenciam na persistência das mulheres jovens em namoros abusivos; verificar como as mulheres definem um namoro como abusivo; averiguar a relação da necessidade afetiva do outro com a persistência das mulheres jovens em namoros abusivos; e compreender a relação da persistência de mulheres jovens em namoros abusivos com os primeiros relacionamentos interpessoais e como foram os mesmos. Realizar a entrevista com as participantes mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Durante a entrevista haverá a gravação de áudio desta, para que seja feita a transcrição posteriormente. Feito isso, se estudará as respostas dadas pelas participantes, a fim de obter o maior número de associações para poder analisar os dados coletados sob o viés da Teoria Psicanalítica, associando as respostas às estruturas inconscientes, a fim de averiguar a existência de relação entre si. E por fim, elaborar a discussão e os resultados da pesquisa de acordo com todas as informações encontradas e associadas à teoria.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: A pesquisa considerará as dimensões física, psíquica, emocionais e sociais das crianças, podendo gerar um possível desconforto nos participantes. Caso ocorra, serão encaminhados para os profissionais da própria Instituição.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Compreender pelo viés do inconsciente, a persistência de mulheres jovens em namoros abusivos, visando servir como base para auxiliar os profissionais que lidam com esses casos a poderem considerar esta ótica para que possam contribuir para com essas jovens.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa.

Basta procurar o pesquisador _____, pelo telefone do trabalho (27) 3331 8641 e também no endereço Av. Vitória, nº950, Forte São João – Vitória-ES. Cep: 29017-950.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Em qualquer momento o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo Órgão _____, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresso

meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui informado que meu número de registro na pesquisa é _____ e recebi cópia desse documento por mim assinado.

_____ __/__/2014

Assinatura do Participante Voluntário Data

_____ __/__/2014

Assinatura do Responsável pelo Estudo Data

APÊNDICE E – Reportagens de violência praticadas por namorados contra namoradas (jovens)

Amigas de Ana Clara dizem que policial acusado de matá-la exigia satisfações da jovem o tempo todo

Foto: Reprodução/Instagram



Itamar controlava a vida de Ana Clara de forma doentia

“Parecia que ele queria excluí-la do mundo e tê-la só para ele”. Foi assim que duas amigas de infância de Ana Clara Félix Cabral, 19 anos, definiram o comportamento controlador que o namorado da vendedora, o policial militar Itamar Rocha Lourenço Júnior, 25, tinha sobre a jovem.

A vendedora foi encontrada morta, às margens da Rodovia do Contorno, em Cariacica, com cinco marcas de tiros no corpo. O namorado da jovem é o principal suspeito de cometer o crime e está preso.

Fonte: Gazeta Online (2015)

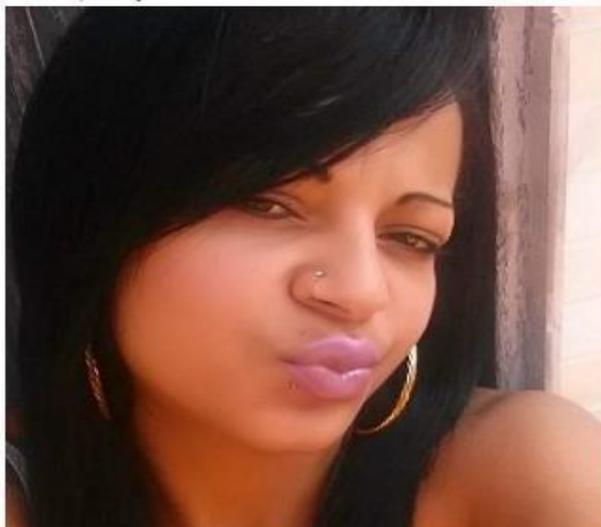
O crime aconteceu após o namorado da vítima descobrir que ela foi a uma festa sozinha

A dona de casa Denise Soares Pereira de 21 anos foi morta com um tiro na cabeça dentro da casa de uma amiga, em Santa Rita, em Vila Velha, na manhã deste domingo (6).

O crime aconteceu após o namorado da vítima descobrir que ela foi a uma festa sozinha. Ele, que é o principal suspeito, fugiu após o assassinato e está sendo procurado pela polícia.

O nome do rapaz não foi divulgado porque ainda não há um mandado de prisão contra ele.

Foto: Reprodução



Denise Soares Pereira, de 21 anos, foi morta na casa de uma amiga em Santa Rita, Vila Velha.

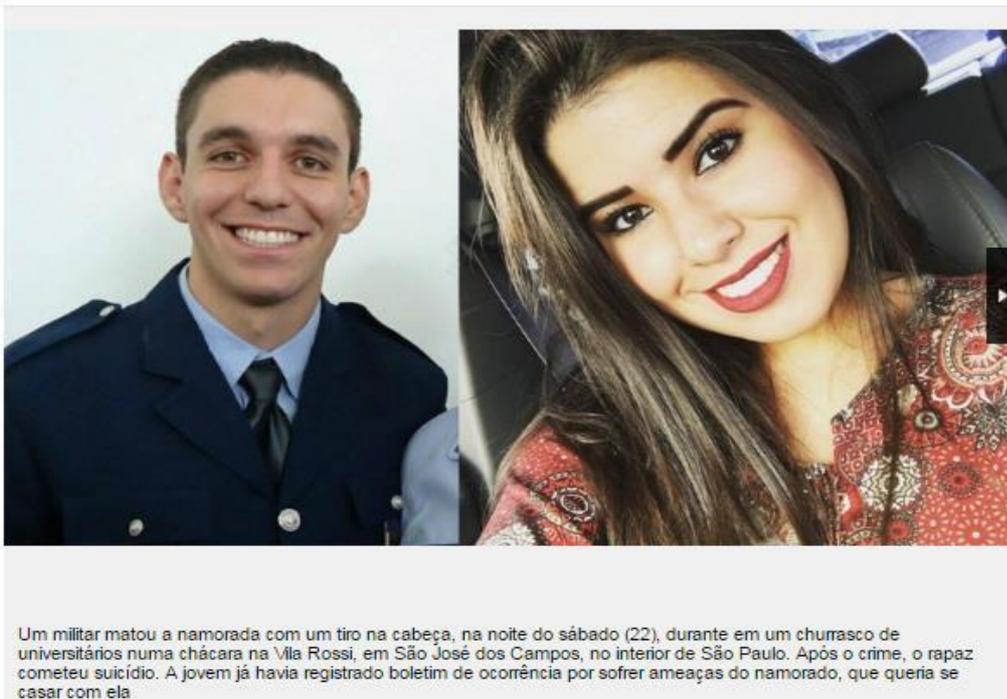
Fonte: Gazeta Online (2016)



Uma jovem grávida foi internada no Hospital Base de Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia, após ser espancada pelo namorado. Segundo a polícia, Jéssica Nascimento tem 21 anos e foi ferida dentro de casa. O suspeito das agressões foi preso em flagrante, mas liberado após pagamento de fiança e responde por crime de lesão corporal em liberdade.

O caso ocorreu na segunda-feira (25). Investigações preliminares apontam que a vítima, que está grávida de dois meses, foi agredida com socos e pontapés. De acordo com a Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam), o crime foi registrado pelo Distrito Integrado de Segurança Pública (Disep), por volta das 7h30. A investigação será encaminhada à unidade especializada.

Fonte: G1 (2016)



Um militar matou a namorada com um tiro na cabeça, na noite do sábado (22), durante em um churrasco de universitários numa chácara na Vila Rossi, em São José dos Campos, no interior de São Paulo. Após o crime, o rapaz cometeu suicídio. A jovem já havia registrado boletim de ocorrência por sofrer ameaças do namorado, que queria se casar com ela

Fonte: Notícias R7 (2016)



Aos 19 anos, Poanka Faleiro, de Brasília, decidiu romper seu silêncio e denunciou o namorado à polícia, após histórico de agressões e ameaças. Foto: Arquivo Pessoal

Foi quase um ano de namoro. Porém, mais do que boas lembranças, a moradora de Brasília Poanka Faleiro, de 19 anos, carrega em si as marcas de um relacionamento abusivo. Xingamentos, ameaças e agressões físicas permearam este período até que, no último domingo, enquanto se divertia na festa de uma grande amiga, Poanka se viu diante de seu limite: após mais uma briga gerada pelo ciúme descontrolado do namorado, foi puxada pelos cabelos, jogada ao chão e arrastada.

Definitivamente farta, Poanka registrou o caso na 21ª Delegacia de Polícia Civil de Taguatinga Sul (DF). O agressor, de 21 anos, foi autuado por injúria, lesão corporal e pela Lei Maria da Penha. No entanto, foi liberado mediante fiança de R\$ 2 mil.

Fonte: Extra (2015)

Por ciúmes, rapaz estapeia namorada e bate cabeça dela no chão

Camila Cavalcante em 16 de Julho de 2011

Uma jovem, de 18 anos, foi encaminhada à Delegacia de Polícia Civil de Corumbá com hematomas no rosto e fortes dores na cabeça, provocados por agressões do namorado, de 26 anos, na madrugada deste sábado, 16 de julho. De acordo com a vítima, ciúmes fizeram o namorado agredi-la com tapas no rosto. Ele chegou a bater a cabeça dela no chão. A vítima aponta que após as agressões, o rapaz a impediu de sair da casa onde ocorreu as agressões, localizada no bairro Popular Nova.

Fonte: Diário Online (2011)

APÊNDICE F – Os quatro tipos de discurso

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow // \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

Discurso do Mestre

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow // \frac{S2}{a}$$

Discurso Universitário

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow // \frac{a}{\$}$$

Discurso da Histórica

$$\frac{\$}{a} \rightarrow // \frac{S1}{S2}$$

Discurso do Analista

$$\frac{a}{S2} \rightarrow // \frac{\$}{S1}$$

$$\frac{\$}{S1} \rightarrow // \frac{S2}{a} \quad (\text{Discurso do Capitalista})$$